

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE METODOLOGIA DE ENSINO
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS

“ERROS DE PORTUGUÊS” NA BUSCA DO *GOOGLE*: UMA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA DO CONTEÚDO ENCONTRADO EM TEXTOS RANQUEADOS

João Roberto Antunes

São Carlos/SP

2025

JOÃO ROBERTO ANTUNES

“ERROS DE PORTUGUÊS” NA BUSCA DO *GOOGLE*: UMA ANÁLISE
SOCIOLINGUÍSTICA DO CONTEÚDO ENCONTRADO EM TEXTOS RANQUEADOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Coordenação do Curso de Licenciatura em Letras
da Universidade Federal de São Carlos, para
obtenção do título de Licenciado em Letras –
Português/Espanhol.

Orientadora: Profa. Dra. Caroline Carnielli
Biazolli

São Carlos/SP

2025

Antunes, João Roberto

"Erros de português" na busca do Google : uma análise sociolinguística do conteúdo encontrado em textos ranqueados / João Roberto Antunes -- 2025.
61f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos,
campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Caroline Carnielli Biazolli
Banca Examinadora: Rosane de Andrade Berlinck,
Priscila Cristina Zambrano
Bibliografia

1. Normas linguísticas. 2. Blog post. 3. Sociolinguística.
I. Antunes, João Roberto. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinatura da Comissão Examinadora que avaliou e aprovou a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso do candidato João Roberto Antunes, realizada em 24/02/2025.

COMISSÃO EXAMINADORA

Orientadora

Profa. Dra. Caroline Carnielli Biazolli

Universidade Federal de São Carlos

Membro da banca (1)

Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

Membro da banca (2)

Profa. Ma. Priscila Cristina Zambrano

Universidade Federal de São Carlos

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que acreditam na língua como um instrumento de mudança.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, por ter me proporcionado tantas graças, bênçãos e conquistas ao longo de toda a minha jornada enquanto graduando em Letras na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar).

Em segundo lugar, dirijo toda a minha gratidão à Silvia Helena Sobrinho Antunes (minha mãe), ao Adalberto Antunes (meu pai) e à Andressa Antunes (minha irmã), que, desde a época dos vestibulares, sempre me apoiaram em minha escolha de construir uma carreira na área de Humanidades.

Não poderia deixar de escrever um parágrafo especial à Isabela Nair dos Santos Ferreira, minha melhor amiga de vida. Ela, desde 2017, acompanha o meu desenvolvimento pessoal, acadêmico e profissional, sempre me incentivando e torcendo pelo meu sucesso. Saber que somos amigos desde a adolescência e vê-la crescendo junto a mim são fatos que me enchem de orgulho e de felicidade. Obrigado, sinceramente, por tudo.

Agradeço, também, às minhas companheiras e amigas de vida, Amanda Mota da Silva e Ana Carolina Araujo dos Santos, que estão finalizando esta etapa tão importante comigo. Sem vocês, a trajetória ao longo destes seis anos de curso teria sido insossa e entediante.

Meus sinceros agradecimentos à Professora Doutora Rejane Cristina Rocha, que, em 2020, me deu a grande oportunidade de participar de seu grupo de pesquisa e empreender uma investigação muito interessante, com bolsa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), na área de Literatura Digital. Obrigado por ter me aberto tantos caminhos e feito com que eu pudesse enxergar o mundo acadêmico com seriedade, criticidade e compromisso.

Um agradecimento grandioso à Professora Doutora Caroline Carnielli Biazolli, minha querida orientadora, com quem meus caminhos se cruzaram em 2022. Obrigado por ter tanta paciência comigo e por todo o seu acolhimento quando resolvi mudar completamente os meus objetivos de pesquisa. Se hoje a Linguística, mais especificamente a Sociolinguística, é o meu rumo futuro para seguir no Mestrado e Doutorado, isso se deve, em grande parte, à sua disposição para me orientar e me incentivar, sempre de uma forma amigável, ética, profissional e responsável.

Agradeço também à Professora Doutora Rosane de Andrade Berlinck e à Professora Mestre Priscila Cristina Zambrano a leitura atenta de meu estudo.

Por fim, ficam os meus agradecimentos a todas as pessoas, profissionais e colegas que, de forma direta ou indireta, fizeram parte deste ciclo tão importante em minha vida.

“Tudo passa sobre a terra.”

José de Alencar (2015, p. 160)

RESUMO

O conceito de erro que circula amplamente nas gramáticas – nesse caso, na gramática normativa – e nos manuais de jornais, mas que, obviamente, se estende a outras esferas da vida cotidiana dos brasileiros, segundo Possenti (2002), está muito atrelado a tudo aquilo que escapa à variedade que foi eleita como um exemplo de “bom uso da língua”. Por isso, é muito comum a propagação de alguns mitos como: i) “Brasileiro não sabe português.”, ii) “O certo é falar assim porque se escreve assim.” e/ou iii) “É preciso saber gramática para falar e escrever bem.” (Bagno, 1999). Com essa generalização do imaginário da gramática normativa como um parâmetro unificador da língua, o preconceito e a intolerância linguística podem ser notados, até mesmo, no ambiente digital. Buscando compreender um pouco mais esses movimentos, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como *corpus* alguns conteúdos de *blogs* e artigos de *sites* ranqueados na primeira página do *Google*, quando o usuário faz a busca ativa com a palavra-chave “erros de português”. Conforme a *Semrush*, ferramenta paga de *marketing* digital que disponibiliza dados sobre as consultas dos usuários e o *ranking* nos resultados do *Google*, a estimativa de volume de buscas para “erros de português” é de 590 pesquisas por mês – sem considerar as variações de campo semântico da construção. Por meio de um aporte teórico pautado na Sociolinguística – em noções referentes à heterogeneidade inerente e sistemática das línguas e à pluralidade de normas linguísticas –, busca-se compreender como esses *blog posts* e artigos de *sites* estão estruturados, quais são as marcas de preconceito linguístico neles presentes (sem a intenção de culpabilizar as instituições ou autores individuais, mas de apenas destacar como o chamado círculo vicioso do preconceito linguístico (Bagno, 1999) se estende e se cristaliza) e, ainda, debater sete “erros” de natureza morfossintática elencados no *blog post* que aparece na primeira posição do *ranking* do buscador (“102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”), a partir de uma perspectiva descritivista da língua, com base no estudo de Bagno (2012). Como conclusões desta pesquisa, destaca-se a necessidade de uma educação sociolinguística no entendimento da noção de “erro” nas aulas de Língua Portuguesa das escolas da Educação Básica, etapa basilar na construção do pensamento crítico, a fim de que se possa alcançar o respeito linguístico (Scherre, 2021) não somente no ambiente escolar, mas também no incomensurável espaço da *web*.

Palavras-chave: Erros de português. Normas linguísticas. *Blog post*. *Google*. Sociolinguística.

RESUMEN

El concepto de error que circula ampliamente en las gramáticas – en este caso, en la gramática normativa – y en los manuales de periódicos, pero que, obviamente, se extiende hacia otras esferas de la vida cotidiana de los brasileños, según Possenti (2002), está bastante involucrado con todo aquello que escapa a la variedad que se eligió como un ejemplo de “buen uso de la lengua”. Por ese motivo, es muy común la diseminación de algunos mitos como: i) “El brasileño no sabe portugués”, ii) “El correcto es decirlo así pues se escribe así” y/o iii) “Es necesario saber la gramática para hablar y escribir bien” (Bagno, 1999). Con esa generalización del imaginario de la gramática normativa como un parámetro unificador de la lengua, se nota el prejuicio y la intolerancia lingüística hasta en el ambiente digital. Buscando comprender un poco más esos movimientos, esta Tesis de Conclusión de Carrera tiene como *corpus* algunos contenidos de *blogs* y artículos de sitios *web* ranqueados en la primera página de *Google*, cuando el usuario hace la búsqueda activa con la palabra clave “erros de português”. De acuerdo con *Semrush*, herramienta paga de *marketing* digital que disponibiliza datos sobre las consultas de los usuarios y el *ranking* en los resultados de *Google*, la estimación de volumen de búsquedas para “erros de português” es de 590 búsquedas mensuales – sin llevar en cuenta las variaciones de campo semántico de la construcción. Por medio de un aporte teórico basado en la Sociolingüística – en nociones referentes a la heterogeneidad inherente y sistemática de las lenguas y a la pluralidad de normas lingüísticas –, se busca comprender cómo esos *blog posts* y artículos de sitios *web* se estructuran, cuáles son las huellas de prejuicio lingüístico presentes en ellos (sin la intención de definir las instituciones o autores individuales como culpables, sino de destacar como el denominado círculo vicioso del prejuicio lingüístico (Bagno, 1999) se extiende y se solidifica) y, aún, debater siete “errores” de naturaleza morfosintáctica listados en el *blog post* que se presenta en la primera posición del *ranking* del buscador (“102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”), a partir de una perspectiva descriptivista de la lengua, con base en el estudio de Bagno (2012). Como conclusiones de esta investigación, se destaca la necesidad de una educación sociolingüística en lo que respecta al entendimiento de la noción de “error” en las clases de Lengua Portuguesa de la Educación Básica, etapa esencial en la construcción del pensamiento crítico, con el hecho de que se pueda alcanzar el respeto lingüístico (Scherre, 2021) no solamente en el ambiente de la escuela, sino también en el inconmensurable espacio de la *web*.

Palabras clave: Erros de português. Normas lingüísticas. *Blog post*. *Google*. Sociolingüística.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1 BREVES PASSEIOS PELOS BOSQUES DA SOCIOLINGUÍSTICA	14
1.1 O bosque da pluralidade de normas	19
1.2 O bosque do preconceito e da intolerância linguística	22
2 PASSEANDO POR OUTROS BOSQUES: A CONTEXTUALIZAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS-DISCURSIVOS	26
2.1 E os <i>blog posts</i> e artigos de <i>sites</i> ? Seriam gêneros textuais-discursivos?	28
2.2 <i>Blog posts</i> e artigos de <i>sites</i> no <i>Google</i> : obras do acaso ou das técnicas?	31
3 CONSOLIDANDO OS PASSEIOS PELOS BOSQUES DESTA PESQUISA: MÉTODOS DA ANÁLISE	34
4 ABRINDO O <i>GOOGLE</i> E DIGITANDO A PALAVRA-CHAVE “ERROS DE PORTUGUÊS”: UM MAR ABERTO PARA OS ESTUDOS DA SOCIOLINGUÍSTICA	37
4.1 Autores institucionais e individuais especializados nos conteúdos ranqueados	41
4.2 Marcas de preconceito linguístico nos conteúdos do <i>ranking</i>	44
4.3 E se a abordagem fosse descritiva? Debatendo sete “erros” a partir de uma perspectiva sociolinguística	48
4.3.1 “Este” e “esse”	48
4.3.2 “Que” sem preposição	49
4.3.3 “Lhe” e “o”	50
4.3.4 “Você” e “te”	51
4.3.5 Ênclise de “o”	52
4.3.6 Mesóclise de “-lo”	53
4.3.7 “Mim”, “me” e “eu”	54
CONSIDERAÇÕES FINAIS	56
REFERÊNCIAS	58
APÊNDICE A - Lista de conteúdos ranqueados no <i>Google</i> para a palavra-chave “erros de português” (08 dez. 2024)	61

INTRODUÇÃO

De acordo com o dicionário Michaelis On-line¹, a palavra “erro” é um substantivo masculino com algumas definições gerais possíveis (como, por exemplo, “Desvio de uma regra de conduta estabelecida; desregramento”) e, ainda, com outras conceituações mais específicas, atribuídas aos mais diversos campos do conhecimento. Uma delas (a nona definição) é da área da Linguística, sendo postulada como um “Desvio relativo à norma geral da língua”. A partir disso, os questionamentos cruciais que se colocam são: o que está sendo entendido, nessa conceituação, como “norma geral da língua”? Será que essa “norma geral da língua” realmente existe ou é, na realidade, um construto artificializado e cristalizado socialmente, podendo ser melhor definido como “norma-padrão da língua”?

Seguindo nessa linha argumentativa, Possenti (2002) preconiza que a noção mais corrente de “erro” é aquela advinda, justamente, da gramática normativa, em que é um “erro” tudo aquilo que se desvencilha da variedade que foi, histórica e socialmente, eleita como exemplo de “boa” linguagem.

Assim, não é de hoje que a noção de “erro” – e, mais especificamente, “erro de português” – é uma temática bastante presente no dia a dia dos brasileiros. Tudo isso começa desde a escola, nas aulas de Língua Portuguesa, em que os professores dessa disciplina são, muitas vezes, vistos como aqueles que estão em sala de aula para corrigir e ensinar a “arte do bem falar”. Segundo Bagno (1999), esse não é apenas um juízo que as pessoas têm diante da figura do professor de língua materna, mas, também, uma atitude tradicional desse profissional, cuja obsessão primária, ao receber um texto produzido por um aluno, é fazer uma espécie de “caça aos erros”. Isso se traduz como uma “[...] preocupação quase exclusiva com a *forma*, pouco importando o que haja ali de *conteúdo*.” (Bagno, 1999, p. 131).

Da escola enquanto instituição, esse imaginário de extirpação do “erro” vai se disseminando e se espalhando para outras esferas da vida, com um enfoque especial dado pela mídia brasileira. Em *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito* (Scherre, 2005), por exemplo, há uma análise do preconceito linguístico contido em textos publicados em colunas de renomados jornais de circulação nacional, escritos entre 1993 e 2003. Atualmente, com o advento e popularização dos meios digitais, essa cultura da busca por minar os “erros de português” já se faz presente em outros espaços, como nos *posts* das mais diversas redes sociais (*Facebook, Instagram, X, etc.*) e nos *blogs* e *sites* disponíveis na *web*. Mas, se nas

¹ Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/erro>. Acesso em: 25 dez. 2024.

redes sociais os memes vão sendo entregues aos usuários por meio dos compartilhamentos, no caso dos conteúdos de *blogs* e *sites*, apesar de isso também ser possível, há uma outra forma por meio da qual os usuários conseguem acessá-los: a partir de uma procura ativa no maior buscador do mundo – o *Google*. Ao digitar “erros de português” nesse mecanismo de pesquisa, o usuário tem acesso a uma infinidade de conteúdos que versam sobre a questão do “erro”.

Nesse sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) tem como objetivo geral identificar e analisar *blog posts* e artigos de *sites* que aparecem ranqueados, na primeira página de resultados do *Google*, quando se faz a pesquisa a partir da palavra-chave “erros de português”, colocando em discussão certos aspectos relacionados à construção desses conteúdos, bem como as formas como os seus autores institucionais ou individuais especializados se posicionam, já que manifestam, amiúde, marcas de preconceito linguístico. A partir desse entendimento, pautado em conceitos de heterogeneidade linguística, pluralidade de normas, preconceito e intolerância linguística e respeito linguístico, o trabalho se propõe a discutir sete desses “erros” expostos ao longo da primeira fonte ranqueada (justamente, um *blog post* cujo título é “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”), tomando como embasamento teórico-crítico as ideias de Bagno (2012). Assim, o estudo cumpre com a finalidade de demonstrar que, no ambiente virtual, os diversos juízos de valor sobre a “incorreção” da língua também se fazem presentes em *blog posts* e artigos de *sites*, personificando-se, ainda, na própria busca do usuário a partir da palavra-chave que faz menção à questão do “erro”.

Os objetivos específicos são:

i) Examinar como estão estruturados (do ponto de vista de títulos e outros elementos) e quais são as abordagens dos textos selecionados – por exemplo, observar as características das estratégias comunicativas utilizadas pelos autores institucionais ou individuais especializados dos textos ranqueados para apresentar os “erros de português”;

ii) Discutir, sob a ótica da Sociolinguística, quais são os pontos que vão na contramão de uma educação sociolinguística que se fazem presentes nos *blog posts* e artigos de *sites* escolhidos;

iii) Apresentar como sete dos “erros” contidos na primeira fonte ranqueada poderiam ser explicados se a abordagem fosse a partir de uma perspectiva sociolinguística, que privilegia uma análise descritiva (e não normativa), sem perder de vista as características do gênero analisado (nesse caso, o *blog post*) e os objetivos comunicativos para com o público-alvo.

Tendo em vista os objetivos da pesquisa, a primeira seção, intitulada “Breves passeios pelos bosques da Sociolinguística”, propõe, inicialmente, algumas reflexões sobre a Linguística

enquanto campo de estudos consolidado e, na sequência, o lugar da Sociolinguística no interior dessa área macro. Na primeira subseção desta seção, são feitas algumas discussões sobre a questão da pluralidade de normas, com uma definição de norma normal, bem como uma distinção entre norma culta e norma-padrão. Na segunda, por sua vez, são apresentadas considerações sobre o preconceito e a intolerância linguística.

A segunda seção procura definir e contextualizar o que é um gênero textual-discursivo, colocando um enfoque especial no *blog post* e nos artigos de *sites*. Além disso, também há uma discussão sobre as técnicas envolvidas por trás do ranqueamento de *blogs* e *sites* no *Google*, explicitando que é necessária uma estratégia de *marketing* de conteúdo para conquistar espaço nas primeiras páginas de resultados do buscador para palavras-chave específicas.

A terceira seção se trata de uma explicitação da metodologia selecionada para a pesquisa, explorando o passo a passo utilizado nas análises feitas ao longo do processo. Por fim, a quarta seção introduz as análises gerais das marcas de preconceito linguístico contidas nos artigos de *sites* e *blog posts* ranqueados na primeira página do *Google* para o termo “erros de português”, com algumas colocações sobre os seus autores institucionais e individuais especializados e, ainda, uma discussão sobre sete “erros” de natureza morfossintática expostos no primeiro conteúdo do *ranking* (um *blog post*), a partir de uma perspectiva sociolinguística. Ao término do percurso, são expostas as considerações finais, as referências bibliográficas e o apêndice.

1 BREVES PASSEIOS PELOS BOSQUES DA SOCIOLINGUÍSTICA

Em outros termos, os linguistas não rejeitam a normatividade, mas são críticos das regras normativas artificialmente postuladas.

(Faraco; Zilles, 2017, p. 86)

Para começar a tecer considerações e fazer breves passeios pelos bosques da Sociolinguística², são necessárias algumas contextualizações sobre o lugar da Linguística enquanto ciência consolidada, uma vez que a corrente teórica em questão se filia a esse campo macro e que os desenrolares de suas proposições estão, muitas vezes, relacionados ao desenvolvimento das discussões de outras vertentes antecedentes.

De maneira geral, portanto, a Linguística é uma área do saber extremamente jovem. Segundo Carvalho (2013, p. 19), o seu *status* de disciplina científica só teve ratificação a partir do século XIX:

Até então, o que havia era o estudo assistemático e irregular dos fatos da linguagem, de caráter puramente normativo ou prescritivo, ou ainda, retrocedendo à Antiguidade grega, especulações filosóficas sobre a origem da linguagem mescladas com estudos de Filologia. Até chegar a delimitar-se e definir-se a si própria, a Linguística passou por três fases sucessivas.

Essas fases sobre as quais disserta Carvalho (2013) são: i) filosófica: fase em que os gregos foram os precursores, propondo grandes reflexões a respeito da origem da linguagem e instituindo a gramática como uma disciplina normativa; ii) filológica: fase protagonizada pelos alexandrinos, que a definiram como o estudo da elucidação de textos – suas raízes se estenderam até a Idade Média e foram pressupostos de base para o surgimento da fase subsequente; e iii) histórico-comparatista: fase que se iniciou com a descoberta do sânscrito, entre 1786 e 1816, e se destacou por sua preocupação diacrônica em saber como as línguas evoluíam (e não como funcionavam).

Concomitantemente ao decurso da Linguística Comparatista, aparece uma figura que seria capaz de moldar o pensamento construído secularmente e, em um momento posterior, passaria a ser uma referência com a ascensão da chamada Linguística Moderna: Ferdinand de Saussure. As ideias desse linguísta genebrino foram um divisor de águas no campo e, de acordo

² O título desta seção faz uma intertextualidade com a obra “Seis passeios pelos bosques da ficção”, publicado em 1994, do teórico e escritor Umberto Eco, em que ele trata do texto ficcional. A ideia dos “bosques”, transposta aqui, tem como intuito reafirmar os múltiplos conceitos que se encontram dentro do campo de estudo em questão – a saber, a Sociolinguística.

com Carvalho (2013), esse aspecto revolucionário se deu em razão da proposição de uma nova terminologia unívoca e padronizada para os estudos registrados até então, o que o filiou a uma corrente teórica que ficou conhecida como Estruturalismo – que foi, justamente, resultante de sua proposta.

Saussure, no apogeu de suas discussões, instituiu as chamadas dicotomias e, como uma delas, estabeleceu as diferenças entre língua e fala. Para ele, a língua é “[...] o produto que o indivíduo registra passivamente [...]” (Saussure, 2012 [1916], p. 45). É um sistema (exterior ao indivíduo) e, portanto, um fenômeno social. A fala, por sua vez, é individual e mais ou menos acidental. É, em outras palavras, a manifestação da língua nos indivíduos.

As discussões sobre língua e linguagem, porém, não se estagnaram depois da publicação do *Curso de Linguística Geral* (Saussure, 2012 [1916]) . Apesar de a obra ter sido concebida como essa espécie de divisor de águas – valor a ela atribuído posteriormente à sua concepção –, novas vertentes e postulações continuaram (e ainda continuam) a surgir. Essas, por sua vez, manifestam-se na perspectiva de refutar certos elementos de teses anteriores ou, até mesmo, com o objetivo de adicionar novas perspectivas teóricas e propostas de análise sobre a língua.

Nesse sentido, em uma linha do tempo desses estudos, é imprescindível tratar sobre as contribuições de Noam Chomsky para o campo da Linguística. Na década de 1960, com a crescente influência do *behaviorismo* no pensamento americano, o linguista citado ataca frontalmente os estudos que tomavam como base o estímulo/resposta e introduz um viés mentalista e inatista como proposta, denominado Gerativismo. Para isso, ele dá uma nova definição ao conceito de língua, relacionando-a diretamente como uma capacidade imanente ao ser humano, que se manifesta por meio da Gramática Universal (GU):

Os gerativistas compreendem a GU como o *estágio inicial* da aquisição da linguagem. Esse estágio corresponde ao estado natural da cognição linguística humana antes do contato da criança com a língua-E de seu ambiente. A GU é interpretada, portanto, como uma propriedade do cérebro humano. Essa propriedade é a concretização biológica de nossa faculdade da linguagem (seja na versão forte ou fraca do inatismo). Ela é a maneira pela qual a disposição para a linguagem deve estar codificada no genoma do *Homo sapiens* (Kenedy, 2021, p. 94).

Com isso, Chomsky reinterpreta a dicotomia língua e fala, outrora proposta por Saussure, e a ressignifica com uma outra: competência e desempenho. De forma geral, ele entende

[...] a primeira como o conhecimento intuitivo que os falantes nativos têm da gramática de sua língua, conhecimento este adquirido mediante um processo abduativo a partir dos enunciados - escutados pela criança em seu contexto social. Segundo o mesmo Chomsky, esta competência linguística fica interiorizada na criança até a idade de quatro anos, com base na qual ela se reconhece como agente do conhecimento e de comunicação mediante o desempenho (Londoño; Estupiñán; Idárraga, 2012, p. 3, tradução própria)³.

Em suma, pode-se entender a competência como o conhecimento tácito que um falante tem sobre a estrutura e a gramática de sua língua. O desempenho, no caso, trata-se do uso efetivo desse conhecimento linguístico em situações concretas.

Nesse contexto de novas miradas nos horizontes de estudos sobre a língua, também na década de 1960 e fazendo uma oposição direta à orientação de caráter mentalista, começaram a se firmar as raízes da Sociolinguística, que pode ser considerada como “caudatária do conceito de competência comunicativa do linguista norte-americano Dell Hymes [1927-2009] [...]” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 14). Esse estudioso institucionalizou a competência comunicativa como “[...] um domínio das regras sociais, culturais e psicológicas dentro de um determinado contexto no qual o falante se desempenha comunicativamente [...]” (Londoño; Estupiñán; Idárraga, 2012, p. 7, tradução própria)⁴.

Para ilustrar a dinâmica de reinterpretação de conceitos e outros acréscimos em relação às vertentes dos estudos linguísticos, Bortoni-Ricardo (2014, grifos próprios) afirma:

Hymes (1966) **reinterpretou** o conceito chomskyano de competência, **acrescentando-lhe** a noção de adequação na produção linguística, isto é, o conhecimento que permite ao falante produzir infinitas sentenças, de acordo com o sistema da língua, inclui também a capacidade que o falante tem de adequar seu discurso ao interlocutor e às circunstâncias que presidem à sua enunciação. Essa **reinterpretação**, que valorizava as condições de produção da fala, **é afim aos princípios sociolinguísticos**, já que estes trouxeram as dimensões sociais para o âmbito dos estudos da linguagem.

Ora, Dell Hymes, expoente da corrente designada como Etnografia da Comunicação, reinterpretou um conceito de Noam Chomsky, destacando, ao mesmo tempo, algumas afinidades com os princípios sociolinguísticos, que, por seu turno, são caudatários do conceito

³ No original: “[...] la primera como el conocimiento intuitivo que tienen de la gramática de su lengua todos los hablantes nativos de ella, conocimiento este adquirido mediante un proceso abductivo a partir de los enunciados - escuchados por el niño en su contexto social. Según el mismo Chomsky, esta competencia lingüística queda interiorizada en el niño a la edad de cuatro años con base en la cual, se reconoce como agente del conocimiento y de comunicación mediante la actuación.”

⁴ No original: “[...] un dominio de las reglas sociales, culturales y psicológicas dentro de un determinado contexto en el cual se desempeña comunicativamente el hablante [...].”

de competência comunicativa. Com isso, fica nítida essa rede de acréscimos e interconexões entre teorias.

Voltando-se efetivamente às primeiras manifestações da Sociolinguística nos anos de 1960, é indispensável mencionar o pioneirismo do linguista William Labov e de outros colaboradores, nos Estados Unidos. Eles contavam com uma formação estruturalista (de viés saussuriano), mas também foram influenciados pelos dialetólogos.

Bortoni-Ricardo (2014) afirma que o campo da Sociolinguística teve início com a busca de explicações para o melhor ou pior ajustamento à cultura escolar por parte de algumas crianças. A análise do repertório linguístico delas foi um ponto de interesse, já que os grupos linguísticos minoritários apresentavam desempenho acadêmico aquém dos grupos de crianças de classe média ou alta. Assim, esses linguistas pioneiros “[...] desenvolveram intensivas análises contrastivas entre a variedade do inglês que era a língua materna dos alunos em questão e o chamado inglês padrão, falado e ensinado na escola (Labov, 1969; 1972)” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 12-13).

É nesse contexto que se fazem necessárias algumas considerações sobre as duas primeiras contribuições de Labov para a área da Sociolinguística: a sua dissertação de mestrado intitulada *The social history of sound change on the island of Martha's Vineyard* (1962) e, ainda, a sua tese de doutoramento denominada *The social stratification of English in New York City* (1964).

Sobre a dissertação de mestrado, Labov tinha como ponto de partida o desejo de entender a estrutura interna do inglês falado em uma ilha no litoral do estado de Massachusetts (*Martha's Vineyard*), incluindo as diferenças sistemáticas já existentes e as mudanças que estavam ocorrendo naquele momento. Para isso, o pesquisador levantou as características demográficas da ilha e constatou a presença de diferentes grupos étnicos. Desse modo, ele “[...] optou por estudar a produção dos ditongos /ay/ e /aw/, como nas palavras “right”, “pie”, “life”, “backhouse”, que entre os habitantes da ilha é marcada pela centralização do primeiro segmento, o /a/, pronunciado como um /ɑ/ ou mesmo um /ə/” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 55). A metodologia se pautou em entrevistas direcionadas e em gravações de leituras de alunos do ensino secundário. Como resultado, foi possível observar que “[...] consoantes líquidas, nasais, sonoras, velares e fricativas não favoreciam a centralização do /a/ do ditongo, enquanto as obstruintes, orais, surdas apicais e oclusivas eram fatores favorecedores (cf. Labov, 2008: 39)” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 56). Em suma, essa pesquisa pioneira mostrou uma mudança linguística em curso e “[...] uma variável sociolinguística funcionando como um indicador de pertinência a um local [...]” (Bortoni-Ricardo, 2014, p. 58).

Além da dissertação, Labov, em sua pesquisa de doutoramento, entre outras variáveis, empreendeu uma ampla investigação sobre o uso do fonema /r/ em coda silábica em diferentes contextos da língua inglesa falada na cidade de Nova York, constatando que quanto mais casual a situacionalidade, mais a pronúncia se afastava das variantes de prestígio (Macedo, 2010). Segundo Bortoni-Ricardo (2014, p. 59),

Esse estudo piloto mostrou que o emprego do fonema /r/ em final de sílaba era um traço variável e marca de prestígio, com forte valor sociossimbólico. Para testar essa hipótese, o autor optou por fazer entrevistas rápidas com vendedores de três grandes lojas de departamento, a Saks, loja sofisticada que atende à clientela de luxo, residente em suas cercanias; a Macy's, de prestígio mediano, e a S. Klein, de *status* inferior, não muito longe do Lower East Side. A metodologia consistiu em entrar nas lojas, como cliente, e perguntar onde poderia encontrar itens que o pesquisador sabia que eram vendidos no quarto andar (*fourth floor*). Após a primeira resposta dos vendedores, ele solicitava uma confirmação, obtendo, assim, dados mais espontâneos e dados mais assertivos da pronúncia de "*fourth floor*". Foram conduzidos 68 diálogos na Saks, 125 na Macy's e 71 na Kleins. Os resultados confirmaram a hipótese inicial. Quanto mais elegante a loja, mais seus vendedores usavam a marca linguística de prestígio, ou seja, o /r/ em posição de final de sílaba. Além disso, ficou consignada a diferença entre uma resposta casual e uma resposta enfática.

Para chegar a todas essas conclusões, seu principal método foi a prática da análise correlacional de base quantitativa, que, até hoje, é uma metodologia utilizada para o tratamento estatístico de dados linguísticos em determinadas pesquisas.

Ademais, o termo "variantes de prestígio", imprescindível para as análises empreendidas por Labov no âmbito do doutoramento, refere-se às variantes utilizadas em contextos de monitoramento e está diretamente relacionado à herança das variedades das elites coloniais (Faraco; Zilles, 2017). Essa terminologia, ainda, é capaz de suscitar uma discussão que envolve a questão das normas, problemática que será tratada na subseção seguinte.

É válido destacar que os breves passeios pelos bosques da Sociolinguística feitos até aqui são fulcrais para um melhor entendimento do lugar que a análise que se pretende trazer à tona neste trabalho ocupa, pois ela é apenas um recorte específico dos inúmeros temas que perpassam os estudos sociolinguísticos. Dessa forma, delimitando ainda mais a discussão, em vista dos objetivos deste estudo, trata-se a seguir das noções de heterogeneidade linguística, pluralidade de normas, bem como preconceito, intolerância e respeito linguísticos.

1.1 O bosque da pluralidade de normas

Ao perguntar a qualquer pessoa, independentemente de sua classe social, o significado da palavra “norma”, provavelmente as respostas ficarão em torno de: conjunto de regras, algo que deve ser seguido, entre outras possibilidades alinhadas a esse raciocínio. Mas, no âmbito da língua, será que essas concepções mudariam? Ou será que elas também estariam atreladas a esse famigerado “conjunto de regras”?

Para Faraco e Zilles (2017, p. 12), “norma” pode ter um sentido mais geral e outro mais específico:

No sentido geral, norma cobre o *como se diz* numa determinada comunidade de fala (ou seja, o conjunto de seus traços linguísticos característicos, sejam eles fonético-fonológicos, morfossintáticos, léxico-semânticos ou discursivos); no sentido específico, norma se refere ao *como se deve dizer* em determinados contextos (as pronúncias, as estruturas morfossintáticas e o léxico tomados sócio-historicamente como modelares).

Em outras palavras, o sentido geral de norma se coaduna à concepção daquilo que se aborda na *gramática descritiva*, “[...] cuja preocupação é *descrever* e/ou *explicar* as línguas tais como elas são faladas” (Possenti, 1996, p. 65). O sentido mais específico, por outro lado, vincula-se ao imaginário da *gramática normativa*, que se traduz como um “[...] conjunto de regras, relativamente explícitas e relativamente coerentes, que, se dominadas, poderão produzir como efeito o emprego da variedade padrão [...]” (Possenti, 1996, p. 64-65).

Ao citar variedade padrão, também é primordial estabelecer uma distinção que envolve as normas linguísticas (no plural, mesmo), que, no que lhes toca, devem abarcar os conceitos de *norma-padrão*, *norma culta* e *norma popular*. Em diversas ocasiões, por exemplo, os dois primeiros termos são tratados, de maneira errônea, como sinônimos.

Para que isso fique mais palpável, em primeiro lugar, faz-se mister destacar que o designativo “norma da língua” (no singular), usado nos meios de comunicação de maneira vasta, carece de uma adequação teórica. Esse termo é quase sempre utilizado no afã de evidenciar, equivocadamente, que a língua comporta uma norma única. Na realidade, ela engloba um mosaico de “normas normais”, sendo esse um aspecto constitutivo da realidade linguística brasileira, já que cada uma dessas normas reúne “[...] traços fonético-fonológicos, morfossintáticos, léxico-semânticos e discursivos que a distinguem das demais” (Faraco; Zilles, 2017, p. 18).

Nesse sentido, é no cerne das chamadas “normas normais” que se encontram os qualificativos que as integram e se fazem presentes na dinâmica do funcionamento social da língua, como norma culta (variedades prestigiadas) e norma popular (variedades estigmatizadas e desprestigiadas). A norma-padrão, por ser uma realidade construída, idealizada e prescritiva, não é uma norma normal. Contudo, como já citado, norma-padrão e norma culta são tratadas de modo indistinto em certos contextos, tornando fundamental compreendê-las e estudá-las separadamente:

Por *norma culta* designa-se tecnicamente o conjunto das características linguísticas do grupo de falantes que se consideram *cultos* (ou seja, a “norma normal” desse grupo social específico). Na sociedade brasileira, esse grupo é tipicamente urbano, tem elevado nível de escolaridade e faz amplo uso dos bens da cultura escrita (Faraco; Zilles, 2017, p. 19).

Sem embargo, essa terminologia, por si só, é um pouco controversa e precisa ser analisada de uma forma crítica, já que pode sugerir uma oposição direta às normas ditas “incultas” ou populares, algo que é reforçado pelos juízos que seus adeptos costumam fazer a respeito dos falantes dessas outras normas, afirmando que são ignorantes ou que falam mal a Língua Portuguesa (Faraco, 2008).

Já a norma-padrão, por sua vez, é a “norma normativa”, cuja principal característica é o fato de ser um fenômeno relativamente abstrato, tornando-se uma referência suprarregional e transtemporal (Faraco, 2008). Em outras palavras, trata-se do “[...] conjunto de preceitos estipulados no esforço homogeneizador do uso em determinados contextos” (Faraco, 2008, p. 19). Bagno (2003), em quadro bastante explicativo, ressalta as diferenças entre a norma normativa (prescritiva) e a descritiva (normal) – cf. quadro 1.

Quadro 1. Norma prescritiva e descritiva

¿NORMA CULTA?	¿NORMA CULTA?
<ul style="list-style-type: none"> • prescritiva (normativa) 	<ul style="list-style-type: none"> • descritiva (normal)
<ul style="list-style-type: none"> • “língua” prescrita nas gramáticas normativas, inspiradas na literatura “clássica” 	<ul style="list-style-type: none"> • atividade linguística dos “falantes cultos”, com escolaridade superior completa e vivência urbana
<ul style="list-style-type: none"> • preconceito (<i>baseia-se em mitos sem fundamentação na realidade da língua viva, inspirados em modelos arcaicos de organização social</i>) 	<ul style="list-style-type: none"> • conceito (<i>termo técnico usado em investigações empíricas sobre a língua, correlacionadas com fatores sociais</i>)
<ul style="list-style-type: none"> • doutrinária (<i>compõe-se de enunciados categóricos, dogmáticos, que não admitem</i> 	<ul style="list-style-type: none"> • científica (<i>baseia-se em hipóteses e teorias que devem ser testadas para, em seguida, ser</i>

<i>contestação)</i>	<i>validadas ou invalidadas)</i>
<ul style="list-style-type: none"> • pretensamente homogênea 	<ul style="list-style-type: none"> • essencialmente heterogênea
<ul style="list-style-type: none"> • elitista 	<ul style="list-style-type: none"> • socialmente variável
<ul style="list-style-type: none"> • presa à escrita literária, separa rigidamente a fala da escrita 	<ul style="list-style-type: none"> • se manifesta tanto na fala quanto na escrita
<ul style="list-style-type: none"> • venerada como uma verdade eterna e imutável (cultuada) 	<ul style="list-style-type: none"> • sujeita a transformações ao longo do tempo

Fonte: Bagno (2003, p. 54)

Esse esforço homogeneizador da norma normativa busca impor um controle sobre a diversidade linguística e sobre o comportamento dos falantes, colocando à luz a temática da heterogeneidade linguística inerente e sistemática de qualquer língua natural, mencionada no tópico anterior como um dos conceitos caros a este trabalho. Afirmar, portanto, que as línguas são heterogêneas não é concebê-las sob a ótica do caos ou da ausência de regras. Assim:

[...] enquanto a língua concebida como sistema homogêneo contém somente regras categóricas, ou obrigatórias, ou invariantes (i.e., que sempre se aplicam da mesma maneira por todos), a língua concebida como um sistema heterogêneo comporta, ao lado de regras categóricas, também regras variáveis (Coelho *et al.*, 2010, p. 23).

Bortoni-Ricardo (2014, p. 52), ao discutir a natureza motivada e ordenada da heterogeneidade linguística, com base em outros autores, reproduz os seguintes dizeres: “Desvios do sistema homogêneo não são erros ou extravagâncias a serem atribuídas ao desempenho (ou performance), mas estão codificadas e são parte de uma descrição realista da competência da comunidade de fala” (Weinreich et al., 1968: 121, apud Figueroa, 1994: 78).”

Assim, a heterogeneidade, em outras palavras, coaduna-se com a pluralidade de normas intrínseca a qualquer língua (nesse caso, o Português Brasileiro, doravante PB). Contudo, no seio desse ímpeto padronizador preconizado pela norma-padrão, esquece-se que a realidade linguística abarca fluidez e dinamicidade, próprias do universo das inter-relações sociais (Faraco; Zilles, 2017). Quando essa realidade é esquecida, nasce o preconceito linguístico, caracterizado, sobretudo, por concepções depreciativas e homogeneizantes, que pretendem suprimir o caráter variável e heterogêneo da língua.

Neste trabalho, são analisados os conteúdos contidos em *blog posts* e artigos de *sites* que aparecem ranqueados ao digitar a palavra-chave “erros de português” no *Google*, como já explicado anteriormente. Todos eles, no caso, contam com a concepção de norma prescritiva

desde os seus títulos, algo que se estende para os seus respectivos desenvolvimentos. Isso é capaz de gerar uma construção que se traduz em intolerância linguística, ilustrada por marcas de preconceito. Ainda, apesar de não ser o escopo desta análise, é possível inferir que a própria pesquisa feita pela palavra-chave em questão na busca ativa do usuário no *Google* também já pressupõe que esse sujeito esteja à procura de conteúdos informativos que versem sobre esses “erros” a partir do entendimento das “regras” e que, inconscientemente, já está condicionado a pensar a língua por meio de alguns mitos, como “Brasileiro não sabe português.”, “O certo é falar assim porque se escreve assim.”, “É preciso saber gramática para falar e escrever bem.” e/ou “Português é muito difícil.” (Bagno, 1999). A fim de problematizar as marcas de preconceito encontradas nos dados aqui analisados (cf. seção 4), na sequência, abordam-se outros conceitos-chave para este estudo.

1.2 O bosque do preconceito e da intolerância linguística

Cada pessoa conta com as suas particularidades, sendo a língua um instrumento que tem uma parcela significativa no processo de constituição da subjetividade do sujeito. Nesse sentido, Leite (2008, p. 13) afirma que “[...] uma crítica à linguagem⁵ do outro é uma arma que fere tanto quanto todas as armas.” Na mesma linha de raciocínio, Scherre (2005, p. 87) postula que “[...] tentar aprisionar a língua é na verdade tentar cercear o espírito criador do ser humano.”

A partir de um embasamento teórico-crítico pautado na Filosofia, a primeira autora mencionada se propõe a definir os termos preconceito e intolerância no âmbito da linguagem, que são diferentes formas de manifestação negativa à produção linguística do outro. Mas, antes mesmo de seu estudo ser realizado, Bagno (1999) já havia lançado uma obra teórica e de caráter extremamente didático a respeito do preconceito linguístico, elucidando as suas origens, o que é e como se faz.

Ao longo das páginas de seu trabalho pioneiro, o autor descreve esse tipo de preconceito a partir de oito mitos propagados pelo senso comum no que se refere ao PB e advoga por algumas estratégias de desconstrução e combate do mesmo. Os mitos sobre os quais disserta Bagno (1999, p. 15-72) são os seguintes: i) “A língua portuguesa falada no Brasil apresenta uma unidade surpreendente”; ii) “Brasileiro não sabe português” / “Só em Portugal se fala bem português”; iii) “Português é muito difícil”; iv) “As pessoas sem instrução falam tudo errado”; v) “O lugar onde melhor se fala português no Brasil é o Maranhão”; vi) “O certo é falar assim

⁵ É sabido que existem muitas discussões a respeito das diferenças inerentes entre língua e linguagem. No entanto, teorizar sobre essas duas noções e os seus respectivos usos não está no escopo desta pesquisa.

porque se escreve assim”; vii) “É preciso saber gramática para falar e escrever bem”; e viii) “O domínio da norma culta é um instrumento de ascensão social.”

Assim, o linguista admite que o preconceito linguístico “[...] está ligado, em boa medida, à confusão que foi criada, no curso da história, entre *língua* e *gramática normativa*” (Bagno, 1999, p. 9). Ele postula que esse tipo de atitude linguística de depreciação se nutre em um círculo vicioso, cujos elementos são a gramática tradicional, os métodos tradicionais do ensino e os livros didáticos: “[...] a gramática tradicional inspira a prática de ensino, que por sua vez provoca o surgimento da indústria do livro didático, cujos autores — fechando o círculo — recorrem à gramática tradicional como fonte de concepções e teorias sobre a língua” (Bagno, 1999, p. 73-74).

Em uma cronologia, na sequência à publicação de Bagno (1999), o livro *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito* (Scherre, 2005) foi publicado, suscitando mais contribuições para a questão do preconceito linguístico. No primeiro capítulo, a autora levanta uma breve introdução sobre a interpretação de dados linguísticos e, no capítulo 2, ela passa a discutir os temas da diversidade no âmbito do PB e dos dizeres preconceituosos que isso gera entre diferentes setores da sociedade. Para tanto, os objetos tidos como referências são algumas matérias divulgadas em jornais brasileiros, sobretudo os textos da já falecida professora Dad Abi Chahine Squarisi, que escrevia para uma seção específica do jornal *Correio Braziliense* (Scherre, 2005). Dessa forma, tomando como base esses escritos, a linguista se alinha com as reflexões de Bagno ao afirmar que o preconceito linguístico se coaduna com a confusão entre língua e gramática normativa:

Mais do que ensinar de forma rígida a gramática normativa, confunde-se gramática normativa com língua. Esquece-se que uma gramática normativa é normalmente a codificação de uma norma-padrão escrita com base em textos de escritores consagrados, acompanhada do registro de alguns aspectos linguísticos das variedades de prestígio – as variedades associadas à fala da elite urbana dominante, que gozam de aceitação social. A língua real – sistema transmitido de geração em geração em circunstâncias naturais – é de riqueza e de complexidade ímpares, que ainda não se deixou descrever nem explicar, na sua totalidade, pelos linguistas mais brilhantes. E esta mesma língua se rende à mente das crianças na mais tenra idade, que a dominam de forma invejável, sem qualquer ensino formal (Scherre, 2005, p. 43).

Para corroborar ainda mais as teorizações e contribuir com a oposição que Scherre preconiza em relação aos escritos linguisticamente preconceituosos de Squarisi, ela expõe uma análise contrastiva entre textos autênticos em Português Europeu (PE) e PB, “[...] tendo em vista que é usual tomar a nossa língua mãe como referência de bom português e considerar o

português brasileiro [*equivocadamente*] como deturpação do português europeu [...]” (Scherre, 2005, p. 57). Isso está diretamente relacionado ao segundo mito exposto por Bagno (1999), que afirma que brasileiro não sabe português e que só nas terras de além-mar é que se fala bem essa língua.

Também conivente a todas as proposições anteriores, Leite (2008) publicou o estudo intitulado *Preconceito e intolerância na linguagem*. Nele, a autora expande um pouco mais a questão do preconceito linguístico e também dá lugar à definição de intolerância:

O *preconceito* é a discriminação silenciosa e sorrateira que o indivíduo pode ter em relação à linguagem do *outro*: é um *não-gostar*, um achar-feio ou achar-errado um *uso* (ou uma língua), sem a discussão do contrário, daquilo que poderia configurar o que viesse a ser o bonito ou o correto. **É um não-gostar sem ação discursiva clara sobre o fato rejeitado.** A intolerância, ao contrário, é ruidosa, explícita, porque, necessariamente, se manifesta por um **discurso metalinguístico calcado em dicotomias**, em contrários, como, por exemplo, *tradição x modernidade*, *saber x não-saber* e outras congêneres (Leite, 2008, p. 24-25, grifos próprios).⁶

Mas, se o preconceito e a intolerância linguística são fatos presentes (formando, assim, um círculo vicioso), qual seria uma maneira para interrompê-los? Nessa linha de análise, Scherre (2021, p. 117) propõe a prática do *respeito linguístico*, que se designa como “[...] a convivência harmoniosa entre as diferentes formas de falar, seja no plano das diferenças entre as línguas, seja no plano das diferenças entre as variedades no interior de uma mesma língua.”

Por isso, a incorporação do respeito linguístico no dia a dia envolveria uma série de ações para saber ouvir o outro com os seus respectivos traços característicos, não emitindo juízos de valor ou outros tipos de julgamentos depreciativos ou de ridicularização, por exemplo (Scherre, 2021).

À primeira vista, chegar a esse patamar ainda é uma conquista um tanto quanto utópica, já que uma série de políticas e reinvenções que abarcam diferentes instâncias da sociedade precisariam ser implementadas para o seu total alcance, a começar pela quebra do círculo vicioso sobre o qual comenta Bagno (1999) e que, certamente, se alastra para outros tipos de produções em outros meios de circulação discursivo-textuais.

Desse modo, feitos todos os resgates teóricos aportados, a contribuição deste trabalho resulta no intento de identificar e analisar *blog posts* e artigos de *sites* que aparecem ranqueados

⁶ Apesar da distinção feita por Leite (2008) entre as definições de preconceito e intolerância linguística, é válido destacar que, na prática, existe uma linha muito tênue entre ambas. Os limites entre preconceito e intolerância nem sempre são óbvios e, muitas vezes, se misturam. Discussões mais aprofundadas nesse sentido, no entanto, escapam do escopo deste trabalho.

no *Google* quando se faz a pesquisa a partir da palavra-chave “erros de português”. Com isso, as discussões buscam ressaltar as marcas de preconceito e, principalmente, intolerância contidas nesses textos, explicando, especificamente, sete “erros” expostos no *blog post* que aparece na primeira posição, por meio de uma abordagem sociolinguística que se pauta em noções aqui debatidas, de forma que possam contribuir para uma tentativa de construção de respeito linguístico, que se traduz no reconhecimento da legitimidade da variação linguística e das inúmeras normas normais presentes na língua (e não apenas da norma-padrão).

Para complementar esses movimentos teórico-críticos e pelo fato de as discussões girarem em torno de categorias específicas de textos (*blog posts* e artigos de *sites*), também são feitos alguns apontamentos a respeito das possibilidades de conceituação dos gêneros textuais-discursivos⁷, trazendo à tona uma bibliografia crítica que versa sobre a temática (Marcuschi, 2008; Marcuschi, 2010; Marcuschi, 2011) e suscitando um debate que conceitua principalmente o *blog post* – que é o texto a partir do qual são analisados os sete “erros” – enquanto gênero.

⁷ Opta-se, nesta pesquisa, pelo uso do termo “gêneros textuais-discursivos”, assim como em Biazolli e Berlinck (2021), fugindo intencionalmente à norma-padrão, que dita o uso de “gêneros textual-discursivos”, justamente para evidenciar o mesmo peso de significância que deve ser dado tanto a questões da superfície textual quanto a condições de produção de um determinado enunciado.

2 PASSEANDO POR OUTROS BOSQUES: A CONTEXTUALIZAÇÃO DE GÊNEROS TEXTUAIS-DISCURSIVOS

Por certo, não são propriamente as tecnologias per se que originam os gêneros e sim a intensidade dos usos dessas tecnologias e suas interferências nas atividades comunicativas diárias.

(Marcuschi, 2010, p. 21)

Ao estudar as manifestações de quaisquer línguas, independentemente da perspectiva teórica que se adote para a análise (neste trabalho, considera-se o horizonte da Sociolinguística), não se pode deixar de perpassar por uma discussão referente aos gêneros textuais-discursivos. Isso se deve ao fato de que:

A vivência cultural humana está sempre envolta em linguagem, e **todos os nossos textos situam-se nessas vivências estabilizadas em gêneros**. Nesse contexto, é central a ideia de que a língua é uma *atividade sociointerativa* de caráter cognitivo, sistemática e instauradora de ordens diversas na sociedade. (Marcuschi, 2008, p. 163, grifos próprios).

Com base nesse pensamento, existem inúmeros estudos sociolinguísticos, com foco em diferentes fenômenos linguísticos como objetos de investigação, que englobam em suas considerações características estruturais e situacionais do gênero textual-discursivo utilizado como fonte de extração dos dados da língua analisados. São os casos de trabalhos com foco em textos jornalísticos, religiosos, acadêmicos, audiovisuais e tantos outros (Biazolli, 2018; Vieira; Valladares, 2021; Lima, 2022; Azevedo, 2024; etc.). Em outras palavras, diferentes gêneros, produzidos nas mais distintas situações de comunicação, determinadas por condições históricas e sociais, são materializados por textos que terminam por circular na sociedade.

Ora, segundo Marcuschi (2010), já é consensual que os gêneros ultrapassam os limites do literário e se estendem para todo e qualquer tipo de comunicação verbal. Por meio de um retrospecto, é possível constatar que o apogeu de um conjunto limitado de gêneros se deu com os povos de cultura essencialmente oral. Em seguida, por volta do século VII a.C., eles se multiplicam e, a partir do século XV, com a era da cultura impressa, ganham ainda mais popularidade e ensejo de expansão. Atualmente, com o advento da cultura digital, nota-se uma explosão de cada vez mais gêneros e novas formas de comunicação (Marcuschi, 2010).

Mas, afinal, o que é um gênero textual-discursivo? Para responder a esta questão, é importante fazer uma diferenciação operacional entre gêneros, tipos textuais e domínios discursivos. De acordo com Marcuschi (2010, p. 23-24),

Usamos a expressão *gênero textual* como uma noção propositalmente vaga para referir os textos *materializados* que encontramos em nossa vida diária e que apresentam *características sociocomunicativas* definidas por conteúdos, propriedades funcionais, estilo e composição característica⁸. [...] Alguns exemplos de gêneros textuais seriam: *telefonema, sermão, carta comercial, carta pessoal, romance, bilhete, reportagem jornalística, aula expositiva, reunião de condomínio, notícia jornalística, horóscopo, receita culinária, bula de remédio, lista de compras, cardápio de restaurante, instruções de uso, outdoor, inquérito policial, resenha, edital de concurso, piada, conversaço espontânea, conferência, carta eletrônica, bate-papo por computador, aulas virtuais e assim por diante.*

O autor postula, ainda, que o gênero, em sua essência, é flexível e variável, de tal forma que essas características se devem ao seu componente primordial: a linguagem. Desse modo, “[...] assim como a língua varia, também os gêneros variam, adaptam-se, renovam-se e multiplicam-se” (Marcuschi, 2011, p. 19).

Se o gênero está atrelado a uma materialização discursiva com fins sociointerativos, o tipo textual é o modo como essa materialização se estrutura, principalmente no que se refere a aspectos composicionais de ordem mais formal. Portanto,

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção* (Marcuschi, 2008, p. 154-155).

O domínio discursivo, por sua vez, engloba as chamadas esferas ou instâncias discursivas, que proporcionam o aparecimento de discursos específicos. A título de exemplo, a esfera jornalística abarca o discurso jornalístico, que, por seu turno, dá origem a alguns gêneros próprios dessa mencionada instância (Marcuschi, 2010).

Em resumo, já que há um entrelaçamento entre as três conceituações anteriormente apresentadas, é possível afirmar que “gêneros são formas verbais de ação social relativamente

⁸ Embora Marcuschi (2008, 2010) utilize o termo gênero textual, ao explicá-lo, o autor aborda aspectos formais e funcionais.

estáveis realizadas em textos situados em comunidades de práticas sociais e em domínios discursivos específicos” (Marcuschi, 2010, p. 26).

As denominações a eles atribuídas, conforme Marcuschi (2008), variam de acordo com alguns critérios, como: i) forma estrutural; ii) propósito comunicativo; iii) conteúdo; iv) meio de transmissão; v) papéis dos interlocutores; e vi) contexto situacional. Mas, para além disso, uma questão que outrossim se coloca é: o suporte (ou materialidade inscricional) também deve ser levado em consideração para a análise dos gêneros textuais-discursivos?

Nessa perspectiva, Marcuschi (2003), em uma contribuição realizada no âmbito do Projeto Integrado intitulado “Fala e Escrita: Características e Usos”, afirma que a discussão sobre o suporte é capaz de direcionar a percepção sobre a circulação social dos gêneros. Assim:

Intuitivamente, *entendemos como suporte de um gênero um locus físico ou virtual com formato específico que serve de base ou ambiente de fixação do gênero materializado como texto*. Numa definição sumária, *pode-se dizer que suporte de um gênero é uma superfície física em formato específico que suporta, fixa e mostra um texto* (Marcuschi, 2003, p. 11).

Dessa maneira, a partir da ascensão das novas mídias digitais e com o surgimento de diversos outros gêneros inscritos em outros suportes, a circulação e a recepção têm mudado substancialmente.

No contexto desta investigação, que trata de uma análise sociolinguística a respeito de conteúdos apresentados em determinados *blog posts* e artigos de *sites*, é importante entender em que medida essas produções podem ser tratadas como um gênero *per se*. Pelo fato de a análise empreendida neste trabalho levar em consideração sete “erros” do *blog post* que ranqueia na primeira posição do *Google* para a palavra-chave “erros de português”, na subseção seguinte, há uma breve discussão mais focada no *blog*, mas que, de alguma maneira, também perpassa por *sites*.

2.1 E os *blog posts* e artigos de *sites*? Seriam gêneros textuais-discursivos?

Ao pensar em *blog*, até os dias atuais, tem-se um imaginário social que remonta à popularização da *World Wide Web* (WWW)⁹, no final da década de 1990. Isso se deve ao fato

⁹ Segundo Costa (2010, p. 259), “[...] a Web pode ser descrita como um sistema de hipermídia para a recuperação de informações através da Internet. Na Web, tudo é representado como hipermídia (no formato HTML) e os documentos estão ligados através de links a outros documentos. A Web engloba seu próprio protocolo, HTTP, e também alguns protocolos anteriores, tais como FTP, *gopher* e Telnet.”

de que, com a disseminação do acesso aos computadores pessoais, o *blog* se tornou uma ferramenta muito comum, pois era um meio a partir do qual as pessoas registravam uma espécie de diário on-line.

O primeiro *blog* da história da internet foi o Links.net¹⁰, criado por Justin Hall no ano de 1994. Nesse espaço, o autor compartilhava impressões pessoais sobre uma variedade de tópicos, registrando as tendências e mudanças na era digital à medida que iam acontecendo. Com isso, popularizou-se a ideia de que o *blog* era uma forma de expressão pessoal e de compartilhamento de experiências.

Estevão (2017, p. 60-61), em um estudo sobre uma obra do escritor Ismael Caneppele na blogosfera (a partir da remediação de um texto impresso ao ambiente digital), traz à tona uma pesquisadora, Cora Rónai (citada por Denise Schittine), que expande o conceito de *blog* que vem se cristalizando há décadas:

O que é um blog? Começo a chegar à conclusão de que esta pergunta, na sua aparente simplicidade, é a ciberesfinge dos novos tempos. Aquilo que, para a maioria das pessoas, é – como obedientemente aprenderam em jornais e revistas – “um diário de adolescente na web”, é, na verdade, algo tão variado e complexo quanto a própria rede. Ou arrisco dizer, quanto a alma humana. *Blogs* variam conforme o autor, o dia, o momento. Gente de todas as idades mantém blogs.

Os *blogs*, portanto, já não são apenas espaços em que as pessoas registram as suas impressões e outras questões atreladas ao âmbito pessoal. Na realidade, é possível utilizar a blogosfera para as mais diversas funções, variados objetivos comunicacionais, bem como para diferentes tipos de público-alvo. É muito comum que o *blog*, hoje em dia, integre uma estratégia de *marketing* de conteúdo, por exemplo, sendo usado para cumprir metas empresariais.

Angeli (2011, p. 23), em um estudo sobre o funcionamento da dinâmica dos *blogs*, afirma que

[...] cabe discutir se estamos diante de **um gênero**, propriamente, ou de uma plataforma na qual se manifestam vários gêneros, de um ambiente virtual que pode dar origem a diferentes realizações, nascidas das intenções comunicativas dos blogueiros.

Essa constatação se torna ainda mais plausível na medida em que se percebe, na contemporaneidade, as diferentes finalidades de um *blog*. Tome-se como exemplo a análise

¹⁰ Este *blog* ainda se encontra ativo e pode ser visualizado em [Links.net](http://links.net). Último acesso em: 02 nov. 2024.

feita por Estevão (2017), que estuda esse espaço como um lugar de promoção de manifestações literárias.

Embasando ainda mais a discussão sobre esses pontos, Marcuschi (2003) faz diferenciações didáticas entre gênero, suporte e serviço, que, para esta pesquisa, são de extrema funcionalidade e valem a pena ser resgatadas.

Como já mencionado anteriormente, “os gêneros são os textos da vida diária com *padrões sociocomunicativos característicos* definidos por sua composição, objetivos enunciativos e estilo, realizados por forças históricas, sociais, institucionais e tecnológicas” (Marcuschi, 2003, p. 16-17). O suporte, por sua vez, é o *locus* físico ou virtual para a fixação e materialização do texto. O serviço, por outro lado, pode ser compreendido “[...] como um aparato específico que permite a veiculação (circulação e consumo) de um gênero em algum suporte” (Marcuschi, 2003, p. 18).

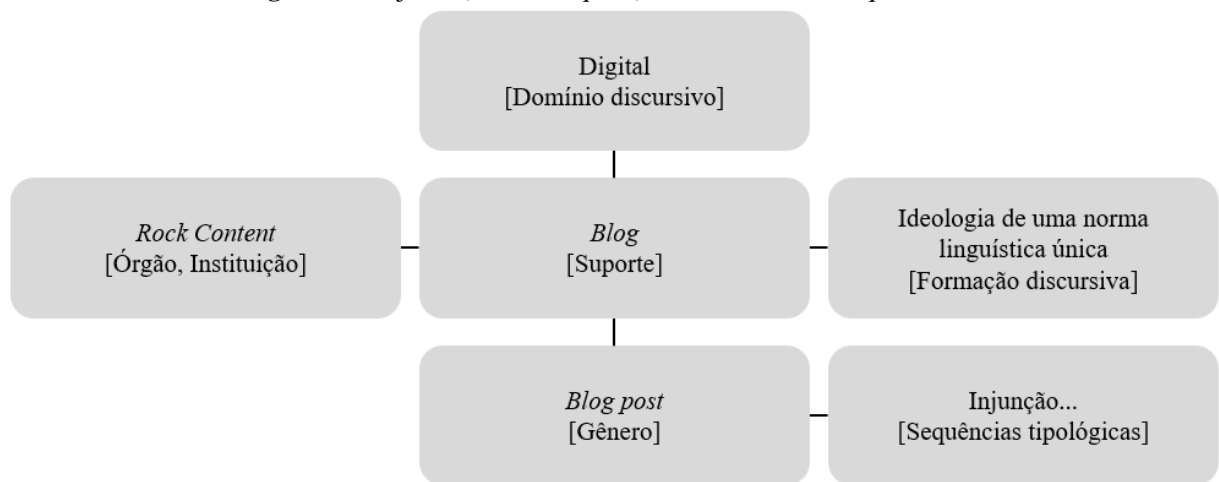
Dadas essas conceitualizações, entende-se que a internet é um serviço que possibilita o acesso a *blogs e sites* (suportes), que, por seu turno, respectivamente, reúnem o *blog post* e páginas que podem comportar conteúdos nas mais variadas formas e com as mais variadas funções, como artigos informativos, por exemplo. Para ratificar esse posicionamento, basta verter o olhar para uma *homepage* institucional, que é um suporte responsável por carregar uma série de gêneros (Marcuschi, 2003). No entanto, dependendo do ponto de vista adotado, os *sites*, no caso, podem ser concebidos como os chamados grandes continentes, que “[...] são os ambientes e os locais que servem de grandes “armazéns” ou postos de concentração de materiais [...]” (Marcuschi, 2003, p. 19). Isso porque os *sites* podem englobar *blogs* como subdomínios e diversas outras páginas (subdiretórios) passíveis de serem conceituadas como suportes, assemelhando-se, grosso modo, às bibliotecas. Porém, nesta análise, toma-se o *site* como um suporte, que reúne o gênero artigo de *site*.

Obviamente, o *blog*, da mesma forma que o *site*, também pode alocar outros gêneros, que vão desde artigos informativos e intentos de produção literária (conforme já colocado em evidência) até escritas mais reflexivas e, também, autorreflexivas (Primo, 2008 *apud* Angeli, 2011). Sendo tidos como gêneros, o *blog post* e os artigos informativos de *sites* podem, indubitavelmente, ser observados a partir dos tipos textuais que predominam em suas construções e diante de um conjunto de princípios, valores e significados ao qual se vinculam, representando determinado domínio discursivo.

A título de exemplificação e fazendo uma alusão ao contexto e aos materiais analisados nesta pesquisa, o primeiro conteúdo ranqueado para a palavra-chave “erros de português”, no *Google*, intitulado “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”,

apresenta-se fixado no suporte *blog*, sob o formato do gênero *blog post*, estando presente no domínio discursivo *digital* e, quando analisado o seu assunto específico, envolto de um conjunto de práticas, regras e valores, a *formação discursiva*, voltado à ideologia de uma norma linguística única, o que acaba por influenciar a criação de discursos linguísticos puristas em um dado contexto social, histórico e cultural. O *blog post* em questão, produzido pela *Rock Content*, empresa brasileira especializada em *marketing* de conteúdo, materializa-se predominantemente por sequências textuais injuntivas. No diagrama a seguir, é possível visualizar essas explicações de uma maneira mais contundente:

Figura 1. Conjunto (não hierárquico) de um conteúdo ranqueado



Fonte: Diagrama elaborado pelo autor, a partir de uma releitura de Marcuschi (2003, p. 14)

2.2 *Blog posts* e artigos de *sites* no *Google*: obras do acaso ou das técnicas?

Ao digitar uma palavra-chave no maior mecanismo de busca do mundo, o *Google*, infinitas possibilidades aparecem no *ranking* de resultados para o usuário. Em meio a tantas alternativas, é muito provável que o clique seja feito nos conteúdos que estiverem nas primeiras posições de uma determinada busca.

Mas, para que esses conteúdos de *blogs* e *sites*, por exemplo, estejam ocupando um bom lugar no ranqueamento, é necessário que, além de estratégias comunicativas, sejam aplicadas algumas estratégias técnicas no processo de produção dos textos. Essas, por sua vez, estão diretamente atreladas ao universo do *marketing* de conteúdo:

O marketing de conteúdo é o uso do conteúdo em volume e qualidade suficientes para permitir que o consumidor **encontre, goste e se relacione com uma marca, empresa ou produto**. [...]

A ideia é gerar conteúdo **genuíno, útil e relevante** para o consumidor, **isento de interferência comercial**. É ser útil de fato, como uma rádio informando o melhor caminho em um momento de congestionamento, ou um canal de televisão divulgando informações de prevenção em um momento de epidemia (Torres, 2009, p. 87, grifos próprios).

De acordo com o próprio *Google*¹¹, existem alguns fatores que influenciam diretamente no fato de alguns conteúdos ocuparem as primeiras posições para determinadas pesquisas de palavras-chave, sendo eles: i) significado da consulta; ii) relevância do conteúdo; iii) qualidade do conteúdo; iv) usabilidade das páginas da *Web*; e v) contexto e configurações. Essas técnicas se alinham diretamente com a prática de *Search Engine Optimization* (SEO), que

[...] é um conjunto de estratégias e técnicas que visam melhorar a visibilidade da marca e o tráfego de visitantes de forma orgânica. Uma ação multidisciplinar que abrange um trabalho minucioso de estruturação para deixar um site mais amigável para os buscadores, tais como Google, Bing e Yahoo!. Através de palavras-chave e tags selecionadas estrategicamente dentro do próprio conteúdo criado, é possível gerar um alcance orgânico considerável (Rez, 2016, p. 167).

Assim, um usuário, ao pesquisar a palavra-chave “erros de português” no *Google*, terá como resultados, na primeira página, alguns artigos informativos de *sites* ou *blogs* (os *blog posts*) que estão mais bem estruturados no que diz respeito às estratégias técnicas que servem de mote para um bom posicionamento no *ranking* do buscador. O *marketing* de conteúdo, nesse contexto, é fazer com que o usuário goste e crie algum tipo de relação com as instituições promotoras desses conteúdos sobre essa temática dos “erros”. Na prática, o *Google* faz três procedimentos-base para isso: i) rastreamento: espécie de varredura feita pelo *bot* do buscador, em que os *sites* e *blogs* precisam seguir uma estrutura correta para que todas as páginas sejam registradas na ferramenta de busca; ii) indexação: momento em que o motor de busca, após o rastreamento, coloca as páginas no Índice de Páginas de resultados; e iii) ranqueamento: literalmente, a estruturação de um *ranking* para cada pesquisa feita por meio de uma palavra-chave específica, em que os melhores conteúdos aparecem na primeira página (Torres, 2009; Rez, 2016).

¹¹ Disponível em: <https://www.google.com/intl/pt-BR/search/howsearchworks/how-search-works/ranking-results/>. Acesso em: 13 out. 2024.

Feitas essas breves explicações das técnicas que estão por trás dos conteúdos que aparecem no topo das buscas gerais no *Google*, e em consonância com os objetivos deste estudo, a presente análise pretende responder às seguintes perguntas:

i) Como estão estruturados (do ponto de vista de títulos, organização textual e outros elementos) e quais são as abordagens dos textos selecionados que versam sobre “erros de português”?

ii) Sob a ótica da Sociolinguística – mais especificamente, tendo como horizonte as noções de heterogeneidade linguística, pluralidade de normas e preconceito, intolerância e respeito linguísticos –, quais seriam os pontos que vão na contramão de uma educação sociolinguística que se fazem presentes nos *blog posts* e artigos de *sites* encontrados? A partir disso, seria possível perceber marcas de preconceito linguístico nos conteúdos?

iii) Quais são as características das estratégias comunicativas utilizadas pelos autores institucionais e individuais especializados desses conteúdos?

iv) Por fim, e se a abordagem fosse outra? Como esses conteúdos poderiam ser estruturados, sem perder as características dos respectivos gêneros, a partir de uma perspectiva sociolinguística que privilegiasse uma abordagem descritiva e não normativa da língua?

Nas seções seguintes, portanto, empreende-se uma discussão que pretende oferecer alternativas e proposições para a reflexão desses questionamentos.

3 CONSOLIDANDO OS PASSEIOS PELOS BOSQUES DESTA PESQUISA: MÉTODOS DA ANÁLISE

[...] São erros aquelas construções que não se enquadram em qualquer das variedades de uma língua.

(Possenti, 2002, p. 80)

A presente pesquisa se iniciou com base em uma coleta bibliográfica feita no Catálogo de Teses e Dissertações (CAPES) e na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), a fim de identificar temas de interesse na área da Sociolinguística. Por isso, inicialmente, essa busca nos dois acervos mencionados foi feita de uma maneira mais ampla, a partir de termos como “análise sociolinguística”, por exemplo. Por meio da leitura dos resumos de algumas dissertações e teses retornadas para essas buscas mais genéricas, surgiu a ideia de juntar o universo de pesquisa do *Google* com um tema bastante caro à Sociolinguística – a saber, a problematização do “erro”. Por isso, postulou-se o seguinte questionamento: o que os usuários têm como retorno ao digitarem a palavra-chave “erros de português” no maior buscador do mundo?

Não é novidade que as discussões sobre “erros de português” já acontecem há bastante tempo. Nessa perspectiva, Rodrigues (2004), por exemplo, estudou algumas marcas de intolerância linguística presentes nas colunas metalinguísticas veiculadas pela mídia impressa no Brasil. Scherre (2005) fez um trabalho análogo na obra *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*, já mencionada anteriormente. Nesse sentido, como hoje o *Google* tem sido um mecanismo de busca utilizado em todo o mundo, será que essas marcas também estariam presentes em artigos de *sites* e *blog posts* ranqueados para o termo “erros de português”?

Ao simular essa busca ativa como um usuário procurando por respostas, foi possível notar que os conteúdos expostos na primeira página de resultados do buscador eram, em sua grande maioria, artigos de *sites* e *blog posts* que versavam sobre a questão do “erro” a partir de uma perspectiva normativista da língua, já começando pelos seus próprios títulos (tome-se como exemplo o conteúdo da primeira posição, a saber, “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”). Para verificar se usuários da internet realmente procuravam sobre isso, averiguou-se uma estimativa do volume de busca mensal do termo pela ferramenta

*Semrush*¹², que atestou uma volumetria de cerca de 590 buscas por mês com a dita palavra-chave (isso sem considerar as suas variações de campo semântico). Assim, foi identificada uma oportunidade de pesquisa que pudesse privilegiar uma análise sociolinguística dos conteúdos de *blogs* e de *sites* ranqueados no *Google* para o termo “erros de português”. Para a delimitação do escopo, portanto, decidiu-se empreender uma análise geral das marcas de preconceito linguístico presentes em todos os textos listados na primeira página de resultados e foi escolhido, ainda, o texto do *blog* da *Rock Content* para o intento de uma análise mais específica – o debate de sete “erros” nele expostos a partir de uma perspectiva descritivista da língua. O critério para essa escolha foi o fato de que, em virtude de o conteúdo apresentar 102 “erros”, alguns deles também terminam por aparecer em outros conteúdos do *ranking* da primeira página de resultados. Além disso, por serem 102 “erros”, resultou mais produtivo identificar e analisar aqueles que são de natureza morfossintática e não meramente ortográfica – já que abrem mais espaço para a tessitura de explicações descritivistas.

Dessa maneira, a partir do escopo definido, foi feita toda uma pesquisa bibliográfica e um resgate teórico a respeito dos antecedentes da Linguística e, mais especificamente, da Sociolinguística enquanto área de pesquisa estabelecida, destacando alguns conceitos cruciais para o trabalho em questão (Scherre, 2005; Bortoni-Ricardo, 2014; Faraco, 2002, 2008, 2015; Faraco; Zilles, 2017; entre outros estudos). Também foi necessário um entendimento do sentido de gênero textual-discursivo, a fim de estabelecer um lugar para aquilo que, nesta seara, está-se chamando de *blog post* (isto é, um dos “textos-produto” de um *blog*) e artigos de *sites* (textos hospedados, justamente, em seções específicas de *sites*). A discussão se deteve mais no *blog* porque os sete “erros” analisados em uma das subseções da seção 4 são de um *blog post*. Na sequência, foi fundamental uma explicação generalista dos elementos que aparecem nos resultados da primeira página do *Google* para o termo de busca “erros de português”, dissecando um pouco mais de cada um deles no retorno da pesquisa do usuário. Por fim, considerando os resultados de *blog posts* e artigos de *sites* ranqueados na primeira página para a mencionada palavra-chave, foram feitas algumas considerações a respeito dos autores institucionais e individuais especializados dos textos, bem como uma análise das marcas de preconceito linguístico ali presentes (sem a intenção de ridicularizar ou culpabilizar as instituições ou autores individuais, mas apenas apresentando um ponto de vista que se coaduna com o que a Sociolinguística se propõe a estudar e analisar) – cf. seção 4. Além disso, foram analisados sete

¹² *Semrush* é uma ferramenta que se autodefine como “[...] uma plataforma ideal para gerenciar a visibilidade online e acelerar o crescimento digital.”. Sua página principal pode ser consultada em: <https://pt.semrush.com>. Acesso em: 08 dez. 2024.

“erros” morfossintáticos citados no texto que aparece na primeira posição (justamente, um *blog post*), explicando-os por meio de uma perspectiva descritivista e pautada nas normas normais da língua, com base nas ideias de Bagno (2012), de modo a vislumbrar, como considerações finais, como esses “erros” deveriam ser abordados se partissem desses pontos de vista teóricos.

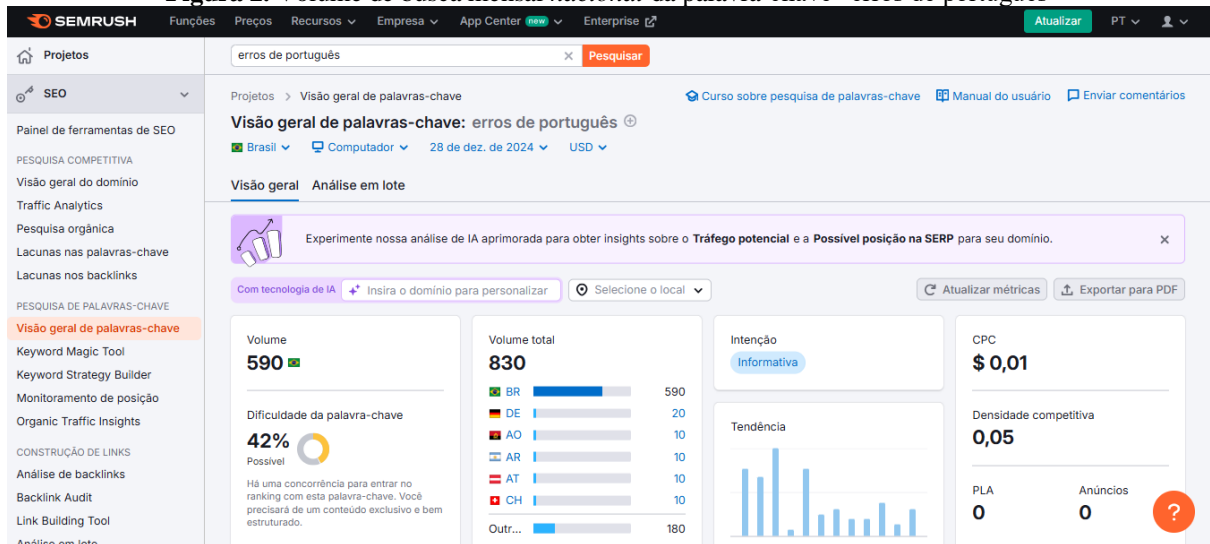
4 ABRINDO O *GOOGLE* E DIGITANDO A PALAVRA-CHAVE “ERROS DE PORTUGUÊS”: UM MAR ABERTO PARA OS ESTUDOS DA SOCIOLINGUÍSTICA

A adoção de um ponto de vista descritivo permite-nos traçar uma diferença que nos parece fundamental: a distinção entre diferença linguística e erro linguístico.

(Possenti, 2002, p. 80)

Ao pesquisar a palavra-chave “erros de português” no *Google*, o usuário tem como retorno da busca alguns artigos informativos de *sites* e *blog posts* dos mais diferentes órgãos institucionais promotores. A ferramenta *Semrush*, muito utilizada pelos profissionais de *marketing* de conteúdo para a pesquisa de palavras-chave, atesta que o volume de busca mensal¹³ para “erros de português” fica ao redor de 590¹⁴ – cf. figura 2. Esse acervo ferramental permite uma filtragem que usa dados em nível global ou nacional, mas também é capaz, em uma de suas subseções, de exibir os dados em nível local, para regiões específicas onde se queira segmentar.

Figura 2. Volume de busca mensal *nacional* da palavra-chave “erros de português”



Fonte: *Semrush*

¹³ Segundo o site oficial da *Semrush*, o volume de busca mensal de uma determinada palavra-chave é calculado com base em algoritmos de aprendizado de máquina e *petabytes* de dados acumulados de mecanismos de pesquisa. Para mais informações sobre esse tema, é possível consultar uma explicação detalhada em: <https://pt.semrush.com/kb/683-what-is-search-volume-in-semrush>. Acesso em: 08 dez. 2024.

¹⁴ No caso do volume total, considerando outras localidades do globo, esse valor aumenta para 830. Nesse ponto, é válido mencionar que a ferramenta está retornando o volume de busca estimado para o dia 28 de dezembro de 2024. Como se trata da sua versão gratuita, não é possível ter acesso aos dados históricos que a mesma é capaz de disponibilizar na versão paga.

No entanto, dentro do campo semântico do termo “erros de português”, existem outras 3.250 possibilidades de palavras-chave, com um volume total estimado de cerca de 10.800 buscas – essas, por sua vez, são denominadas como “variações da palavra-chave”. A ferramenta, em sua versão gratuita, exibe apenas alguns dos termos, que podem ser visualizados na figura 3, abaixo.

Figura 3. Algumas variações (de campo semântico) da palavra-chave “erros de português”

Todas as palavras-chave: 3.250 Volume total: 10.800 KD média: 29%

[Enviar palavras-chave](#) [Atualizar](#) [Configurações](#) [Compartilhar](#)

<input type="checkbox"/> Palavra-chave	Inte...	Volume	KD %	CPC (USD)	RS	Atualizado
<input type="checkbox"/> erro de português	I	1.600	43 ●	0,01	5	3 semanas
<input type="checkbox"/> erros de português	I	590	42 ●	0,01	4	2 semanas
<input type="checkbox"/> erro de português oswald de andrade	I	480	9 ●	0,00	4	2 semanas
<input type="checkbox"/> um relacionamento sem erros de português	I	390	21 ●	0,06	4	2 semanas
<input type="checkbox"/> erros de português em placas	I	320	26 ●	0,00	4	1 mês
<input type="checkbox"/> erros de português mais comuns	I	320	38 ●	0,01	3	1 mês
<input type="checkbox"/> placas com erros de português	I	320	25 ●	0,00	4	4 semanas
<input type="checkbox"/> corrigir erro de português	I	260	42 ●	0,02	5	1 mês
<input type="checkbox"/> corrigindo erro de português	I	210	41 ●	0,02	5	1 mês
<input type="checkbox"/> corrigir erros de português	I	210	32 ●	0,02	6	1 mês

Fonte: Semrush

Como muitos conteúdos são publicados diariamente na internet, os resultados exibidos na busca por uma determinada palavra-chave podem não ser sempre os mesmos. Assim, uma pesquisa feita hoje com a palavra-chave “erros de português” pode retornar resultados diferentes ao digitá-la no *Google* depois de um certo período de tempo, por exemplo. Na busca feita para o termo mencionado¹⁵, observam-se, na primeira página de resultados:

1) Um anúncio patrocinado do *LanguageTool*, que se denomina como “um verificador ortográfico, de estilo e gramatical multilíngue que ajuda a corrigir ou reescrever textos”¹⁶ – cf. figura 4. Anúncios patrocinados aparecem sempre no topo dos resultados de pesquisa, antes mesmo dos resultados orgânicos (que são, justamente, aqueles que não estão sendo pagos para


¹⁵ Pesquisa feita em 08 dez. 2024. Nesse caso, a palavra-chave “erros de português” não acionou a *AI Overview*, que é a Inteligência Artificial (IA) generativa do *Google*. Esse recurso do buscador, recentemente lançado no Brasil, além de fazer um resumo que contempla a pesquisa do usuário, também traz sugestões de conteúdos na íntegra para que ele possa consumir e se informar melhor. Para mais informações sobre isso, é possível consultar um artigo do *blog* oficial do *Google*: <https://blog.google/intl/pt-br/produtos/explore-e-encontre-respostas/novas-formas-de-se-conectar-com-a-web-com-as-visoes-gerais-criadas-por-ia/>. Acesso em: 08. dez. 2024.

¹⁶ Disponível em: <https://languagetool.org/pt-BR>. Acesso em: 08 dez. 2024.

aparecer, mas apenas sendo classificados com base na relevância do conteúdo para o *Google* e em técnicas de *SEO*).

Figura 4. Anúncio patrocinado do verificador ortográfico *LanguageTool*

Patrocinado

 LanguageTool
<https://www.languagetool.org>

Corretor ortográfico

Correção Gramatical — LanguageTool corrigirá automaticamente centenas de **erros** comuns de gramática e ortografia. Verifique a ortografia e a gramática dos textos em **português**, inglês e espanhol.

Online Check >
 Texte Jetzt Online Prüfen Einfügen & Automatisch Korrigieren





Microsoft Word Plugin >
 Texte prüfen direkt in MS Word Findet Fehler, die Word übersieht

Fonte: Pesquisa *Google*

2) Seção “As pessoas também perguntam”, referente, basicamente, a perguntas relacionadas ao termo de pesquisa buscado (nesse caso, “erros de português”) e que, segundo o *Google*, pode ser útil como uma próxima etapa da consulta – cf. figura 5.

Figura 5. Seção “As pessoas também perguntam”

As pessoas também perguntam :







- Quais são os principais erros de português? 
- Quais são os piores erros de ortografia? 
- Como se chama erro de português? 
- Quais são as maiores dúvidas de português? 

[Feedback](#)

Fonte: Pesquisa *Google*

3) 10 resultados orgânicos de pesquisa, que são, em sua grande maioria, artigos informativos de *sites* ou *blog posts* – cf. figura 6.

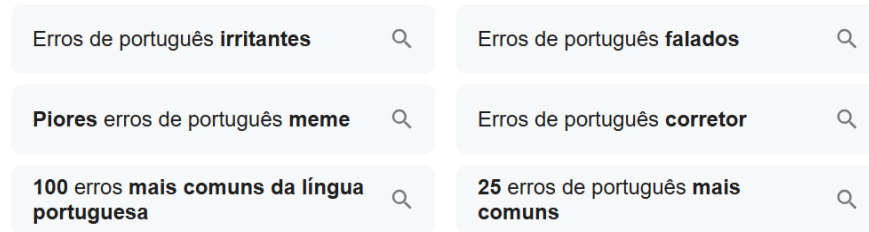
Figura 6. Resultados de busca orgânica da primeira página do *Google* para “erros de português”

 <p>Rock Content 102 erros de português: aprenda os mais comuns e não ... 3 de fev. de 2018 — [INFOGRÁFICO] 102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer - 1. "Má" e "mau" 2. "Bem" e "bon" 3. "Independente de" e " ...</p> <p>As pessoas também perguntam</p> <p>Quais são os principais erros de português?</p> <p>Quais são os piores erros de ortografia?</p> <p>Como se chama erro de português?</p> <p>Quais são as maiores dúvidas de português?</p> <p>Feedback</p>	<p>102 erros de português: aprenda os mais comuns e não [...]</p>
 <p>Brasil Escola Erros de português: lista, quais os principais - Brasil Escola Conheça os 50 erros de português mais comuns em nosso dia a dia. Veja a forma correta de usar algumas palavras que causam confusão entre os falantes.</p>  <p>Cibercivitas da Língua Portuguesa Os 12 erros mais irritantes do português - O nosso idioma 12 de fev. de 2020 — 5. Hávem muitas pessoas. O verbo haver é caprichoso. Quando é um verbo principal, não gosta de se vestir de plural. Faça-a-lhe a vontade!</p>  <p>Correção Online de Textos Correcao.pt Bem-vindo a www.correcao.pt, uma ferramenta desenvolvida para encontrar erros ortográficos, bem como erros gramaticais e estilísticos, em textos portugueses.</p>	<p>Erros de português: lista, quais os principais – Brasil Escola</p> <p>Os 12 erros mais irritantes do português – O nosso idioma</p> <p>Correcao.pt</p>
 <p>Toda Matéria 40 maiores erros de português que você tem que deixar de ... Erros de Português - 1. Pronúncia ou Predição - 2. Anexo, Anexa ou Em anexo 3. Vozê ou Voçê 4. A voçê ou À voçê 5. A ou Há 6. Em vez de ou Adjetivos ...</p>	<p>40 maiores erros de português que você tem que deixar de [...]</p>
 <p>G1 - O portal de notícias do Globo Os 10 erros de português mais cometidos pelos brasileiros - G1 31 de mar. de 2018 — Os 10 erros de português mais cometidos pelos brasileiros: 1. "Este eu e voçê" 2. "Má" ou "mau" 3. "Há ou ha" 4. "Há muitas anos", " ...</p>	<p>Os 10 erros de português mais cometidos pelos brasileiros – G1</p>
 <p>Mindful.org.br 100 erros de português frequentes no mundo corporativo Err: A partir de novembro, abster-se de férias. Forma correta: A partir de novembro, abster-se de férias. Explicação: Não se usa crase antes de verbos. 008 — ... 17 páginas</p>	<p>10 erros de português frequentes no mundo corporativo</p>
 <p>Exame 10 erros de português comuns para evitar no trabalho 18 de jul. de 2024 — Veja as melhores estratégias para garantir uma comunicação clara e correta - 1. Maa e Máa 2. Através e Por meio 3. Haver e A 4. Onde e ...</p>	<p>10 erros de português comuns para evitar no trabalho</p>
 <p>Escreva para Web 105 erros de português mais comuns para você nunca ... 18 de fev. de 2023 — Gêmeos do mal: 1. "Má" e "mau" 2. "Bem" e "bon" 3. "Independente de" e "Independente de" 4. "A princípio" e "em princípio" 5. "Há ...</p>	<p>105 erros de português mais comuns para você nunca [...]</p>
 <p>Brasil Escola 10 dicas para evitar erros comuns de português - Brasil Escola 10 dicas para evitar erros comuns de português: 1. Tenha o hábito de ler e 2. Consulte dicionários 3. Consulte gramáticas 4. Use o corretor ortográfico ...</p>	<p>10 dicas para evitar erros comuns de português – Brasil Escola</p>

Fonte: Pesquisa *Google*

4) Seção “Outras pessoas pesquisaram”, referente a pesquisas relacionadas ao termo de busca principal que foram feitas por outras pessoas.

Figura 7. Seção “Outras pessoas pesquisaram”
 Outras pessoas pesquisaram :



Fonte: Pesquisa *Google*

Nas subseções seguintes deste trabalho, busca-se entender quem são os autores institucionais e individuais especializados nos conteúdos orgânicos ranqueados na Pesquisa *Google* para o termo “erros de português”, as marcas de preconceito linguístico nos conteúdos analisados e, por fim, os sete “erros” de natureza morfossintática escolhidos a partir do *blog post* ranqueado na primeira posição, com base em uma perspectiva sociolinguística, a fim de propor uma abordagem descritivista e não prescritivista para os mesmos.

4.1 Autores institucionais e individuais especializados nos conteúdos ranqueados

Observar quem produz um enunciado, para a Sociolinguística – assim como para outras áreas de conhecimento –, é relevante, uma vez que ajuda a entender características sociais e contextuais que influenciam o uso da língua. Sendo assim, ao analisar de forma mais detalhada os dez conteúdos ranqueados no *Google* a partir da digitação do termo de pesquisa “erros de português”, torna-se um ponto indispensável a avaliação da autoria desses textos¹⁷.

Voltando, novamente, um olhar ao conceito de instituições – órgãos geralmente vinculados a alguma esfera de produção discursiva –, como postulado por Marcuschi (2003) (cf. figura 1), dos dez conteúdos ranqueados, é possível listar as seguintes: *Rock Content*, Brasil Escola (com dois conteúdos no *ranking*), Ciberdúvidas da Língua Portuguesa, Correcao.pt, Toda Matéria, g1, Força Sindical, Exame e Escreva para Web.

Em algumas dessas páginas *web* ranqueadas, essas instituições são as que propriamente assinam os respectivos textos, sendo, portanto, também autoras institucionais. Em outros casos, porém, a instituição promove o texto em seu respectivo suporte (*blog* ou *site*), dando lugar a

¹⁷ Sobre a análise de autoria aqui empreendida, é válido destacar que foge ao escopo deste trabalho fazer uma discussão mais voltada para o conceito de *sujeito discursivo*, como é proposto pela Análise do Discurso (AD), por exemplo. Portanto, as contribuições desta parte se resumem a compartilhar informações descritivas dos agentes por trás dos conteúdos ranqueados.

uma assinatura individual, de uma pessoa física – cujos autores, então, seriam individuais especializados.

A *Rock Content* se denomina como uma empresa que presta serviços e cria produtos inovadores de *marketing*¹⁸. Seu *blog*, no caso, é um subdiretório do *site*, contando com diversos *blog posts* para as categorias de: *Design* para o *marketing* digital, Especialidades no *marketing* digital, Estilo de vida *freelancer*, Produção escrita para *web*, Produção audiovisual e *motion graphics*, Materiais gratuitos e *UI* e *UX*. O *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!” está assinado por uma autora, cujo acesso ao seu perfil no *LinkedIn* é possibilitado a partir de um clique no ícone da rede profissional, após clicar em um *hiperlink* com um texto-âncora com seu nome, ao fim do próprio *blog post* citado.

O Brasil Escola¹⁹ é pertencente à Rede Omnia²⁰ e se trata de um dos maiores *sites* brasileiros de educação e de serviço gratuitos. Ele conta com diversas categorias e subcategorias, divididas em subdiretórios no *site*. O conteúdo “Erros de português”, ranqueado na segunda posição, está dentro da subcategoria “Redação” e possui a assinatura de um professor de Português e Literatura. O conteúdo “10 dicas para evitar erros comuns de português”, ranqueado na décima posição, também tem como instituição promotora o Brasil Escola e conta com o mesmo autor individual especializado.

O Ciberdúvidas da Língua Portuguesa é um subdomínio pertencente ao Instituto Universitário de Lisboa (ISCTE) e se autodefine como um

[...] espaço de esclarecimento, informação, debate e promoção da língua portuguesa, numa perspetiva de afirmação dos valores culturais dos oito países de língua oficial portuguesa, que completou 22 anos de existência em 15 de janeiro de 2019²¹.

O texto “Os 12 erros mais irritantes do português” é assinado por um tradutor e docente universitário português, autor de um *blog* pessoal intitulado “Certas palavras”²².

O Correcao.pt se autointitula como “[...] uma ferramenta desenhada para encontrar erros ortográficos, bem como erros gramaticais e estilísticos, em textos portugueses”²³. Dos dez conteúdos ranqueados para a palavra-chave “erros de português”, esta é a única página que não

¹⁸ Disponível em: <https://rockcontent.com/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

¹⁹ Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

²⁰ Disponível em: <https://www.redeomnia.com/quem-somos>. Acesso em: 29 dez. 2024.

²¹ Disponível em: <https://ciberduvidas.iscte-iul.pt/quem-somos>. Acesso em: 29 dez. 2024.

²² Disponível em: <https://certaspalavras.pt/assinar/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

²³ Disponível em: <https://www.correcao.pt/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

apresenta um *blog post* ou *artigo* como produto e se assemelha, em certa medida, à ferramenta que aparece como anúncio patrocinado na página de resultados do *Google*, o *LanguageTool*.

O Toda Matéria é, como ele mesmo se denomina, um *site* com conteúdos escolares destinados ao apoio à educação no Brasil²⁴. O artigo “40 maiores erros de português que você tem que deixar de cometer” tem como autora uma professora licenciada em Letras por uma universidade privada.

O g1 é um portal de notícias²⁵, e o conteúdo “Os 10 erros de português mais cometidos pelos brasileiros”, pelo menos em tese, é uma reportagem. Essa ressalva é necessária já que, diferentemente do que se espera de uma reportagem, que deve conter uma visão ampla de especialistas sobre um dado assunto, o texto em foco consulta uma equipe de linguistas e educadores apenas para apontar “erros mais recorrentes entre os falantes de língua portuguesa no ano de 2017”. O texto está assinado pela *BBC News Brasil*, que é uma outra instituição que também conta com seu próprio *site*, em outro domínio na *web*.

A Força Sindical²⁶ é uma organização sindical brasileira de trabalhadores. O conteúdo “100 erros de português frequentes no mundo corporativo” é um artigo, em versão PDF, que não possui um autor individual especializado, mas apenas uma menção de que o texto foi produzido com base em especialistas em Língua Portuguesa da Exame.

A Exame, por sua vez, cujo conteúdo ranqueado ocupa a nona posição, é uma “[...] *media tech* com atuação nas frentes de notícia, educação, investimentos e eventos, com pessoas inquietas por mudar a maneira como o mundo consome informação”²⁷. No texto da mencionada instituição, não há uma autoria individual especializada responsável pela escrita, sendo os “erros” de português listados para serem evitados no âmbito do trabalho.

Por fim, o Escreva para *web* é um *blog* de *marketing* de conteúdo que engloba as seguintes categorias: Vida de redator, *Copywriting*, *SEO*, Redação *web* e Português²⁸. Na categoria intitulada “Português”, o único *blog post* nela contido é, justamente, aquele que ranqueia na nona posição do *Google* para o termo “erros de português” (“105 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”).

Independentemente se os autores institucionais contam ou não com uma autoria individual especializada na assinatura dos textos – quando isso ocorre, é comum que o texto seja assinado por um profissional das áreas de Linguagens ou Comunicação –, é possível

²⁴ Disponível em: <https://www.todamateria.com.br/>. Acesso em: 29 dez. 2024.

²⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/institucional/sobre-o-g1.ghtml>. Acesso em: 29 dez. 2024.

²⁶ Disponível em: <https://www.fsindicalsp.org.br/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

²⁷ Disponível em: <https://exame.com/institucional/>. Acesso em: 30 dez. 2024.

²⁸ Disponível em: <https://escrevaparaweb.com.br/>. Acesso em: 05 fev. 2025.

igualmente notar marcas de preconceito linguístico ao longo de suas respectivas exposições. Na realidade, com a popularização da internet, publicar conteúdos tornou-se uma oportunidade para qualquer pessoa ou instituição, sendo possível emitir juízos e opiniões sobre os mais variados assuntos, ainda que esses autores não sejam especialistas na área. Assim, sendo os *blogs* e *sites* suportes com os mais variados fins e objetivos, publicar conteúdos sobre “erros de português”, nesse caso, é uma prática feita por diferentes instituições que também possuem diferentes agendas e pautas.

Feitas essas considerações, o questionamento que se coloca é: de que forma, ao longo da estruturação desses textos e no decorrer da listagem dos “erros”, estão dispostas as marcas de preconceito linguístico em suas respectivas construções argumentativas? Na subseção seguinte, após essa breve exposição sobre as instituições promotoras e a autoria, faz-se uma análise de quais são as marcas de preconceito que podem ser geradoras de intolerância.

4.2 Marcas de preconceito linguístico nos conteúdos do *ranking*

Bagno (1999), na primeira parte de sua obra intitulada *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*, ao expor a mitologia desse tipo de preconceito, dedica algumas páginas à discussão do mito “Brasileiro não sabe português / Só em Portugal se fala bem português”. Nas mencionadas laudas, o autor expõe que essas opiniões – segundo ele, infundadas – podem ser observadas em diversos lugares, como são os casos: i) do livro *Língua viva*, de Sérgio Nogueira Duarte; ii) de um artigo de Arnaldo Niskier, que foi presidente da Academia Brasileira de Letras (ABL), publicado na *Folha de São Paulo* (15/01/1998); iii) do livro *O que se não deve dizer*, de Cândido de Figueiredo; iv) do livro *Não erre mais!*, de Luiz Antonio Sacconi; entre diversos outros.

Para ilustrar, traz-se, aqui, o que o sociolinguista comenta a respeito de um trecho da obra *Língua viva*, de Sérgio Nogueira Duarte. Em primeiro lugar, ele apresenta, na íntegra, o seguinte excerto (que está extraído da página 65 do livro de Duarte):

Sempre me perguntam onde se fala o melhor português. *Só pode ser em Portugal!* Já viajei muito pelo Brasil e já estive em todas as regiões. Sinceramente, não sei onde se fala melhor. Cada região tem suas qualidades e seus vícios de linguagem. [grifo meu] (Bagno, 1999, p. 20).

Após a apresentação do trecho, Bagno preconiza que, de imediato, já não se pode concordar com o próprio título do livro – *Língua viva: uma análise simples e bem-humorada*

da linguagem do brasileiro. Ele afirma que se trata, muito mais, de uma análise preconceituosa e desinformada da língua falada e escrita no Brasil, mas não atribui a culpa ao autor, já que ele está apenas exprimindo uma ideologia que se encontra arraigada na cultura brasileira há bastante tempo.

Da mesma maneira que Bagno (1999), pretende-se, nas linhas seguintes, empreender uma análise das marcas de preconceito linguístico presentes nos textos ranqueados no *Google* para a palavra-chave “erros de português”, sem a intenção de culpabilizar suas respectivas instituições promotoras e os autores individuais especializados, mas de apenas frisar que essa ideologia normativista ainda se estende até hoje, presentificando-se na *web*, em diversos gêneros textuais-discursivos – nesse caso, nos *blog posts* e artigos de *sites*.

Antes disso, é válida uma reflexão sobre a própria busca ativa do usuário no *Google* ao fazer a digitação do termo “erros de português”, cujo volume de busca mensal, segundo a *Semrush*, é de 590 – cf. figura 2. Além disso, também é importante verter o olhar para as variações da palavra-chave, como as que estão no *box* “Outras pessoas pesquisaram” – cf. figura 7. Esse *box* alocado na própria primeira página de resultados do buscador alega que o usuário também procura por outros termos, como “erros de português irritantes” ou “25 erros de português mais comuns”. Muito provavelmente, ao fazer essas pesquisas, a pessoa já está condicionada pela ideologia de uma norma linguística única, haja vista que a questão do “erro” é algo preconizado por essa visão.

Os próprios títulos de alguns dos textos já expressam, em certa medida, preconceitos em relação à língua:

Quadro 2. Marcas de preconceito linguístico em títulos de alguns conteúdos ranqueados no *Google* para o termo “erros de português”

Títulos de textos ranqueados no <i>Google</i> para a palavra-chave “erros de português”	Comentários sobre as marcas de preconceito linguístico
“102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!” “105 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer”	A expressão “para você nunca mais cometer”, exposta nos títulos de ambos os textos, transmite uma ideia de que esses “erros” são tão preocupantes ao ponto de serem considerados verdadeiros delitos à gramática normativa – algo que se revela pela escolha do léxico “cometer”.
“Os 12 erros mais irritantes do português”	A palavra “irritantes” transmite o pensamento de que os “erros” listados não soam bem aos ouvidos de determinados falantes, causando irritação.
“Os 10 erros de português mais cometidos pelos brasileiros”	A construção na voz passiva passa a sensação de que esses “erros” já são uma realidade no dia a dia dos brasileiros, diferentemente da expressão “para você nunca mais cometer”, dos textos da primeira e nona

	posições. Essa construção transmite mais uma ideia de que, se já “cometidos”, poderiam ser “evitados” após a leitura dos respectivos conteúdos.
--	---

Fonte: Elaborado pelo autor

Além dos títulos, entretanto, as marcas de preconceito linguístico também podem ser perceptíveis ao longo das construções textuais, evidenciadas por trechos em que se busca instruir o usuário a usar uma e não outra forma linguística, bem como por argumentos em prol desse uso “correto”. No quadro 3, explicitam-se alguns excertos, com alguns comentários sobre cada um deles:

Quadro 3. Marcas de preconceito linguístico em excertos de alguns textos ranqueados no *Google* para o termo “erros de português”

Excertos de textos ranqueados no <i>Google</i> para a palavra-chave “erros de português”	Comentários sobre as marcas de preconceito linguístico
“Depois de fixar o conteúdo, seus textos ficarão melhores, você falará melhor com parceiros de negócios e poderá impressionar as pessoas com o seu conhecimento. ” (grifos próprios).	Dado o valor que se atribui ao domínio de regras e prescrições, em certa medida, é possível pensar que ter esse domínio causaria o efeito de impressionar algumas pessoas. Porém, para isso acontecer, é realmente necessário saber todas as regras e prescrições de uma gramática normativa? Ou as pessoas ficam impressionadas, talvez, com a capacidade argumentativa que o outro tem ao enunciar? Portanto, para conseguir “falar melhor com parceiros de negócios”, não seria mais oportuno focar em estratégias argumentativas direcionadas a textos escritos e oralizados?
“Uma boa ideia é começar pelo estudo das classes gramaticais. Adjetivos, interjeições, advérbios, conjunções, preposições, artigos, verbos... Pois é, são muitas as classificações, mas elas são a base da norma culta. Portanto, devem ser o primeiro passo.” (grifos próprios).	Aqui, ressalta-se o quão importante é a diferença, apresentada na subseção 1.1, entre norma-padrão e norma culta. O estudo das classes gramaticais, com essa divisão tradicional enunciada pelo excerto em questão, tem muito mais a ver com uma tradição gramatical normativista. A confusão entre norma culta e norma-padrão é real, podendo aparecer em diversas ocasiões. Além disso, um outro problema com esse trecho tem a ver com o fato de que as classes gramaticais revelam um aspecto importante de como a língua está estruturada. Contudo, associar essa organização apenas à norma culta sugere que outras manifestações linguísticas que “fogem” dessa norma não apresentam estruturação. Nessa visão, o que está fora da “norma culta” seria caos linguístico – o que é um equívoco.
“Para aumentar ainda mais o seu arsenal de ferramentas contra os erros dessa língua pra lá de traiçoeira, aproveite para baixar nosso guia gratuito com 63 erros para evitar na escrita e dicas simples de como evitá-los!” (grifos próprios).	Analisando este trecho desde uma perspectiva sociolinguística, seria impossível afirmar que uma língua é “traiçoeira”. As línguas estão diretamente relacionadas às sociedades e são, portanto, um reflexo das mesmas. Como, então, a língua portuguesa é traiçoeira? Não seriam as regras prescritivistas traiçoeiras, uma vez que se referem a um construto

	extremamente artificial, que não é uma representação fiel daquilo que realmente a língua é? Aqui, pode-se observar a confusão clássica entre língua e gramática normativa.
“Erros de português são formas de escrever que contrariam as normas gramaticais. Seleccionamos 50 erros de português mais comuns para você nunca mais os praticar. ” (grifos próprios).	Neste excerto, os “erros de português” possivelmente são atribuídos à ortografia, pois são definidos como “[...] formas de escrever que contrariam as normas gramaticais”. No entanto, seria muito mais assertivo tratar desses “erros” como desvios de ortografia pela não correspondência direta entre o sistema fonético-fonológico do PB com as convenções da escrita, frisando os motivos pelos quais isso pode acontecer. Bagno (2012), por exemplo, dedica algumas páginas para explicar, de forma descritiva, essas razões.
“Cada um tem as suas irritações da língua. Pois lembrei-me de perguntar aos leitores quais os erros que mais os irritam. Eis as respostas...” (grifos próprios).	“Irritações da língua”, nesse caso, seriam, a partir de uma perspectiva sociolinguística, “preconceitos em relação à língua”. Abordar um texto sobre “erros de português” nessa linha argumentativa é um passo para propagar ainda mais os preconceitos linguísticos. Aqui, é válido destacar que esse <i>blog post</i> é atribuído a um autor português, expressando um comportamento bastante normativista.
“Em uma entrevista de emprego, a comunicação é fundamental. Erros de português podem comprometer sua imagem e suas chances de conquistar a vaga desejada. Conheça alguns dos principais erros de português que devem ser evitados para garantir uma comunicação clara e correta. ” (grifos próprios).	Obviamente, pelo fato de uma entrevista ser uma situação de monitoramento linguístico, é essencial lembrar os conceitos de adequação e aceitabilidade – mas não de “erros”. Desde uma perspectiva crítica, é papel da escola ensinar a adequação da comunicação à situacionalidade. Seria muito mais produtivo que os professores se detivessem nisso do que no ensino daquilo que é “certo” ou “errado”.

Fonte: Elaborado pelo autor

Além dos excertos mencionados, retirados de maneira esparsa e ao longo de identificações advindas da leitura dos textos ranqueados, também é válido dar um destaque ao texto que ocupa a décima posição no *ranking* de resultados da primeira página do *Google*, cujo título é “10 dicas para evitar erros comuns de português”. Esse conteúdo não cita e explica os “erros”, mas apresenta uma espécie de guia para “evitá-los” no dia a dia. As dicas abordadas são: i) Tenha o hábito de leitura; ii) Consulte dicionários; iii) Consulte gramáticas; iv) Use o corretor ortográfico do seu editor de textos; v) Revise o texto horas depois de finalizar a escrita; vi) Fique atento(a) aos homônimos e parônimos; vii) Cuidado com o uso de x e ch; viii) Cuidado com o uso de g e j; ix) Cuidado com o uso de ç e ss; e x) Estude as regras de acentuação.

Todas essas dicas apresentadas estão bastante relacionadas à ortografia. Nesse ponto, é interessante levantar uma afirmação de Bagno (2012, p. 390), que postula que “uma alta porcentagem do que tradicionalmente se chama “erro de português” em nossa cultura escolar

se constitui, na verdade, de desvios com relação à ortografia oficial”. Na subseção a seguir, volta-se a esse assunto.

4.3 E se a abordagem fosse descritiva? Debatendo sete “erros” a partir de uma perspectiva sociolinguística

Esta última subseção da presente pesquisa tem o intuito de analisar, a partir de uma perspectiva sociolinguística, em que a heterogeneidade linguística é considerada algo natural e inevitável, sete “erros” expostos no *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”, ranqueado na primeira posição do *Google* para a palavra-chave “erros de português”.

Em primeiro lugar, é fundamental destacar que, dos “102 erros” listados no citado *blog post*, uma parcela significativa se refere a desvios do sistema ortográfico – como os termos “seção e sessão”, “comprimento e cumprimento”, “a gente e agente”, “mas e mais”, “encima e em cima”, entre outros, que, por terem grafias semelhantes, acabam sendo confundidos. Nesta seara, Bagno (2012) preconiza que essas incorreções advindas da arbitrariedade do sistema ortográfico precisam ser analisadas sob duas categorias. A primeira diz respeito à previsão das hipóteses e analogias sobre as relações entre fala e escrita que um falante pode ter e que, muitas vezes, não correspondem às convenções da ortografia oficial. A segunda, por sua vez, “[...] se relaciona com a incidência, na produção escrita, de características fonomorfofossintáticas próprias da variedade linguística que os aprendizes adquiriram no convívio com sua família e na interação com sua comunidade” (Bagno, 2012, p. 392).

Por isso, para a análise empreendida na sequência, foram selecionados sete “erros” de natureza morfossintática a partir dos quais as discussões são mais produtivas para a tessitura de explicações descritivistas. Como embasamento teórico para tal, foram utilizados alguns excertos da obra *Gramática pedagógica do português brasileiro* (Bagno, 2012).

4.3.1 “Este” e “esse”

A diferença entre “este” e “esse” é evidenciada, no *blog post* em questão, por uma explicação clássica da gramática normativa: usa-se “este” quando se “[...] está perto de quem está falando, ao tempo presente e ao que queremos dizer a seguir” e “esse” para se referir “[...] ao que está longe de quem fala, ao tempo futuro ou passado, e ao que já dissemos antes” – cf. figura 8.

Figura 8. “Este” e “esse”

37. “Este” e “esse”

Já ficou em dúvida sobre dizer “este ano” ou “esse ano”? Essa realmente é uma questão um pouquinho complicada, mas dá para resumi-la dizendo o seguinte: “este” se refere ao que está perto de quem está falando, ao tempo presente e ao que queremos dizer a seguir. Já “esse” faz justamente o contrário: se refere ao que está longe de quem fala, ao tempo futuro ou passado, e ao que já dissemos antes. Confira três exemplos em que esse contraste fica evidente:

- Daqui a alguns meses, neste verão, provavelmente não vamos ter férias tão boas quanto estamos tendo agora, nesse inverno, já que precisaremos nos preocupar com problemas de final de ano.
- Este instrumento que estou tentando usar não serve, por favor, me passe esse que está ao seu lado.
- Depois dessas palavras que acabei de pronunciar, gostaria ainda de acrescentar esta citação: “...”

Entendeu agora? Então vale lembrar que a mesma regrinha se aplica ao par “isto” e “isso”.

Fonte: Retirado do *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”

Bagno (2012, p. 792), porém, afirma que os pronomes demonstrativos “este” e “esse”, por exemplo, escapam “[...] à correspondência estrita com as (não) pessoas do discurso e depende[m], bem mais, das relações afetivas de proximidade ou distância que o escritor estabelece com o objeto, o tempo, o lugar e o evento do discurso designados”. Além disso, o autor também elucida os motivos pelos quais os falantes parecem ter preferência pelos usos de “esse” / “isso” em detrimento de “este”/ “isto”, atribuindo esse fenômeno a um fator de ordem fonética, por meio de um processo conhecido como assimilação – *nostru* > nosso. Dito isso, ele também explica que, portanto, os falantes compensaram a anulação da diferença entre “este” e “esse” por meio do acompanhamento do substantivo por um advérbio de lugar:

(45) – Esse carro aí é seu?

(45) – Essa aqui é a casa do Heitor?

(47) – Não estou entendendo nada disso aqui!

(48) – Acho que vou querer um pedaço desse bolo aí.

(49) – Eu comprei meu casaco verde nessa loja aqui. (Bagno, 2012, p. 794).

4.3.2 “Que” sem preposição

A temática do “que” sem preposição, no *blog post*, é apresentada conforme a captura de tela exposta na figura 9:

Figura 9. “Que” sem preposição²⁹

50. “Que” sem preposição

Quando o assunto é regência, mais um errinho daqueles que a gente comete inocentemente, quase sem se dar conta, é se esquecer das preposições na hora de usar o “que”. Quer ver quando isso acontece? Confira se você se lembraria de colocar as preposições marcadas na frase a seguir ou se escreveria apenas “que” no lugar dos termos em negrito:

- Sua dúvida tem a ver com o assunto de **que** a gente falou na aula passada.
- Os livros de **que** eu mais gosto estão na parte de cima da estante.
- Aquele homem com **quem** eu estava conversando ontem é o professor.
- O jeito com **que** você disse aquilo me ofendeu.
- A **história** em **que** os protagonistas são bruxos é a melhor.

E aí, você teria acertado?

Fonte: Retirado do *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”

Nesse aspecto, Bagno (2012) traz à tona a questão do *queísmo*, que coexiste diretamente com o *dequeísmo* clássico – o uso da preposição antes de “que”. O *queísmo* se trata, basicamente, do apagamento da preposição diante da conjunção integrante “que”. Ele afirma que esse é um fenômeno registrado na língua há séculos e que não deve ser considerado como um “erro”. Curiosamente, o autor suscita que existe um *dequeísmo* mais inovador, que ocorre com verbos epistêmicos e *dicendi*, sendo “[...] alvo frequente de discriminação social e empregado como justificativa para a alegação de que alguém “fala errado”” (Bagno, 2012. p. 1007). São os casos de expressões como “penso de que”, “acho de que” ou “disse de que”. Ele trata essas questões como exemplos de *hipercorreção* e dedica algumas páginas para a explicação histórica disso³⁰.

Por essa razão, na realidade, não se trata de “mais um errinho que a gente comete inocentemente”, mas de um fenômeno que já se faz presente há anos, dada a heterogeneidade inerente e sistemática de toda língua.

4.3.3 “Lhe” e “o”

A explicação de que “lhe” é usado para substituir objeto indireto e que “o” só é usado para a substituição de objeto direto é muito superficial – cf. figura 10 – e, até mesmo, controversa – uma vez que, no uso corrente da língua, utiliza-se “lhe” como objetos direto e indireto. Como defende Bagno (2012, p. 765):

²⁹ Embora a explicação mencione “termos em negrito”, não há nenhum destaque nos exemplos apresentados.

³⁰ Para o leitor interessado, ler Bagno (2012, p. 893-899).

Pelas regras de uma “gramática da língua portuguesa” que não é a nossa, o *lhe* só poderia ser usado com verbos que regem as preposições *a* e *para*: “Eu *lhe* telefonei” = “Eu telefonei *a/para* você”. Com verbos transitivos diretos, deveríamos usar *o/a*: “Eu *a* vi ontem na rua, *a* chamei, mas você não me escutou”. É claro que falar assim soa absolutamente artificial e pedante para os ouvidos de quem fala português brasileiro.

A partir disso, o sociolinguista suscita alguns excertos escritos pelo filólogo Antenor Nascentes, que, em um texto lapidar, demonstra que o emprego de “*lhe*” como objetos direto e indireto não é recente, trazendo à tona, para justificar essa afirmação, os nomes de alguns autores da tradição literária moderna e contemporânea que já faziam uso desse fato da língua. Assim, esse fenômeno se estende da língua falada para a língua escrita (Bagno, 2012).

Ademais,

Um fenômeno curioso que se observa é que, muito frequentemente, as pessoas usam *lhe* em correlação com *você* porque foram ensinadas a não “misturar” *você* e *te*. No entanto, ao usarem o *lhe*, empregam esse IP [*índice pessoal*] como objeto indireto e direto, sem saber que assim escapam de um suposto “erro” para cair em outro (Bagno, 2012, p. 767).

Figura 10. “*Lhe*” e “*o*”

52. “*Lhe*” e “*o*”

Tanto “*lhe*” quanto “*o*” são pronomes pessoais oblíquos. Porém, enquanto o primeiro serve para substituir objetos indiretos, isto é, que precisam de preposição, o segundo só é usado para os objetos diretos, ou seja, sem preposição. Compare, a seguir, três frases com o verbo “enviar” (que pode ter objeto direto e indireto), e entenda a diferença:

- Enviei o resultado a seu assistente. (“o resultado” não tem preposição, por isso é objeto direto; “ao seu assistente” tem preposição “a”, então é objeto indireto)
- Enviei-o a seu assistente. (o objeto direto é substituído por “-o”)
- Enviei-lhe o resultado. (o objeto indireto é substituído por “-lhe”)

Fonte: Retirado do *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”

4.3.4 “*Você*” e “*te*”

No *blog post* em questão, há uma preocupação em frisar o fato de que, na língua oral, é comum que aconteça uma “mistura” do uso de “*você*” com “*te*”. Porém, há uma ressalva, introduzida por meio da expressão adversativa “contudo”, de que, na língua escrita, essa não é uma opção bem quista – cf. figura 11.

Figura 11. “Você” e “te”

53. “Você” e “te”

Na linguagem oral, apesar de a gente empregar, na maior parte do Brasil, o “você” para se referir à 2ª pessoa, não é raro misturarmos seu uso com o “te”, dizendo “te encontro mais tarde” a alguém que não tratamos por “tu”, por exemplo, não é verdade? Na escrita, contudo, é bom se lembrar de que o “te” não é o pronome que corresponde ao “você” gramaticalmente, já que “você” é um pronome de tratamento (assim como “senhor” ou “Vossa Excelência”) e, por isso, concorda com a 3ª pessoa no lugar da 2ª. Assim, no lugar de “te” ou “teu”, usamos:

- Você tem alguma dúvida? Este livro pode ajudá-lo!
- Ei, você, esta não é sua carteira?
- Você quer que eu o espere?

Fonte: Retirado do *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”

No que concerne a esse fenômeno tratado como um “erro de português”, é essencial destacar que:

O lamentável emprego da expressão *mistura de tratamento* revela uma atitude preconceituosa e carente de qualquer fundamentação científica, pois não existe “mistura” nenhuma – o que de fato ocorreu no português brasileiro foi uma *reorganização do quadro de índices pessoais*. A ideia de “mistura” só serve como rótulo pejorativo para algo que é inevitável e natural: a *mudança linguística*. O contrário da “mistura” seria a “pureza” – daí para o *purismo* linguístico, a doença crônica do normativismo, basta dar um passo. As pessoas que persistem com tal discurso renegam sua própria língua materna e exigem um código de conduta linguística irreal (e irracional) que ninguém no Brasil obedece, nem mesmo nossos melhores escritores, tradutores, jornalistas e compositores (Chico Buarque, Caetano Veloso e Cartola, só para citar três grandes) (Bagno, 2012, p. 756).

4.3.5 Ênclise de “o”

“Encontramo-la”, “Fi-lo”, “Descobriram-na”, “Põe-no”: será que essas construções são, realmente, utilizadas na língua falada? Se a não utilização dessas formas for tratada como um “erro”, é muito provável que muitas pessoas, independentemente do setor social que ocupam, erram. Na realidade,

No PB, a ênclise só é usada espontaneamente em fórmulas fixas (*danou-se, deixe-me ver, parece-me*) ou em textos falados e escritos submetidos à monitoração estilística e, muitas vezes, à hipercorreção – como nos anúncios que ouvimos em aeroportos: *Informamos que a aeronave que efetuará esse voo já encontra-se no solo...* (Bagno, 2012, p. 741).

Apesar de o *blog post* abordar a ênclise de “o”, especificamente, as postulações de Bagno também são válidas para esse contexto. Porém, nas explicações do *blog post*, não há

nenhuma menção sobre o fato de a construção v-cl (verbo-clítico) não ser usual no dia a dia – cf. figura 12.

Figura 12. Ênclise de “o”³¹

54. Ênclise de “o”

No primeiro exemplo ali em cima, você deve ter reparado que “-o” apareceu em uma forma diferente: “-lo”. Pois acontece que quando “-o” vem ligado depois do verbo (ou seja, em ênclise), ele precisa mudar de forma em dois casos diferentes: depois de verbos que terminariam em “r”, “s” ou “z”, quando se transforma em “-lo”; e depois de verbos que terminam em sons nasais (com “m” ou til), quando vira “-no”. Confira os exemplos:

- Você terá que trazê-los amanhã. (trazer)
- Encontramo-la embaixo da mesa. (encontramos)
- Fi-lo sem segundas interções. (fiz)
- Descobriram-na por acidente. (descobriram)
- Põe-no sobre a cômoda. (põe)

Fonte: Retirado do *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”

4.3.6 Mesóclise de “-lo”

No que diz respeito à mesóclise geral – e não apenas à mesóclise de “lo” –, Bagno (2012) preconiza um posicionamento que prioriza uma explicação histórica sobre o seu uso (que, na realidade, parece estar cada vez mais em desuso):

De fato, a mesóclise só pode ocorrer com verbos no futuro do indicativo e no futuro do pretérito/condicional. A razão é histórica e bem conhecida: esses dois tempos verbais resultaram da gramaticalização de locuções verbais usadas no período do latim vulgar: *falar hei* e *falar ia*. A mesóclise é, portanto, numa perspectiva diacrônica, simplesmente a ênclise de um IP [*índice pessoal*] ao infinitivo verbal: *falar-te hei*, *falar-te ia*. No PB, a mesóclise soa absolutamente estranha e até engraçada, quando não pedante. As grandes empresas jornalísticas já baniram há algum tempo a mesóclise de suas salas de redação. Uma fórmula fixa que ocorre em GTM [*Gêneros Textuais Monitorados*] é *dir-se-ia*. Por hipercorreção devida ao patrulhamento purista contra a próclise, muitas pessoas (legendadores de filmes, por exemplo) fazem ênclises (sobretudo em início de frase) como *Falarei-te*, *Traria-lhe* etc. A colocação natural seria a próclise: *Te falarei*, *Lhe traria*, mas diante da irracional proibição de iniciar sentença com clítico, e diante da estranheza da mesóclise, surgem essas formas híbridas que não correspondem nem à gramática intuitiva nem à gramática normativa... (Bagno, 2012, p. 742).

³¹ O “primeiro exemplo ali em cima” diz respeito à sentença “Você tem alguma dúvida? Este livro pode ajudá-lo!”, utilizada para explicar “você” e “te” – cf. figura 11.

Tratar a ausência de mesóclise de “-lo” como um “erro” é uma posição um tanto quanto equivocada – cf. figura 13 –, já que essa colocação, como disserta Bagno (2012), está praticamente em desuso.

Figura 13. Mesóclise de “-lo”

55. Mesóclise de “-lo”

Última dica sobre “-o” para você ficar totalmente craque no uso desse pronome oblíquo (e suas declinações, claro!): sabia que quando ele aparece com verbos no futuro do presente (tipo “farei”, “comerei”, etc.) ou no futuro do pretérito (tipo “adoraria”, “faríamos”, etc.) precisa ser colocado no meio do verbo e ainda aparece sempre como “-lo” (e declinações)? Então veja só:

- Venderei esses produtos amanhã. Vendê-los-ei amanhã.
- Queria sua resposta o quanto antes. Querê-la-ia o quanto antes.
- Conseguiremos esse dado em breve. Consegui-lo-emos em breve.
- Você aprenderá a língua rapidamente. Você aprendê-la-á rapidamente.

Fonte: Retirado do *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”

4.3.7 “Mim”, “me” e “eu”

Sobre o tópico referente aos usos de “mim”, “me” e “eu”, o grande objetivo da explicação que o *blog post* apresenta é, ao fim e ao cabo, destacar o emprego de “mim + infinitivo” como um “erro” – cf. figura 14.

Todavia, em vez de tratar desse fato linguístico como uma incorreção, Bagno (2012) aponta que uma hipótese plausível para a utilização de “mim” como sujeito de infinitivo é a do cruzamento, em que duas construções se fundem em apenas uma, que, por sua vez, sintetiza a sintaxe-semântica-pragmática de ambas. No exemplo dado pelo autor – “O ilustrador trouxe uns desenhos para mim examinar” –, é possível interpretar que “[...] o ilustrador não só trouxe os desenhos para mim, como também trouxe eles para eu examinar” (Bagno, 2012, p. 730).

Para ratificar o fato de que “mim + infinitivo” já é um emprego recorrente no PB, o estudioso também revive alguns excertos da obra *Inocência*, de Visconde de Taunay, publicada em 1872. No livro, em diálogos de personagens, é possível perceber o registro dessa construção, algo que faz com que se possa dizer que ela tende a se tornar um traço gradual³².

³² De acordo com Bagno (2012, p. 105), assim como explicado por outros autores (Bortoni-Ricardo, 2004, 2005), traços graduais são “[...] aqueles que aparecem na fala de todos os brasileiros, independente de sua origem social, regional, etc. [...]”.

Figura 14. “Mim”, “me” e “eu”

58. “Mim”, “me” e “eu”

Parecido com o problema de trocar “lhe” por “o” (e vice-versa), para solucionar a confusão entre “mim”, “me” e “eu”, é preciso parar para descobrir qual é a função desse elemento na oração. Se for sujeito, opte sempre por “eu”; se não houver preposição, use “me”; se houver preposição, “mim” será a resposta certa. Confira:

- Preciso que você me envie os dados para eu fazer a análise. (apesar do “para”, “eu” é sujeito de “fazer”)
- Preciso que você envie os dados para mim. (“mim” é objeto indireto de “enviar”, com preposição “para”)
- Preciso que você me envie os dados. (“me” é objeto indireto de “enviar”, mas não há preposição)

Fonte: Retirado do *blog post* “102 erros de português mais comuns para você nunca mais cometer!”

Percebe-se que as explicações presentes no *blog post* analisado são superficiais, feitas por intermédio de uma abordagem que limita o aprendizado da língua a uma compreensão mecânica, sem considerar o uso linguístico real em contextos comunicativos diversificados. Ao abordar os “erros” da forma como se faz, negligenciando a heterogeneidade linguística e a pluralidade de normas do PB, o conteúdo apresentado vai na contramão de uma educação sociolinguística que priorize a compreensão e o respeito às diferentes formas de uso da língua em contextos sociais e estilísticos variados. Ir além da regra gramatical por si só, contextualizando que não se trata de “erro”, mas, sim, de variações linguísticas legítimas, seria uma maneira de tornar o conteúdo desse *blog post* – e de outros materiais observados neste estudo – mais rico e fiel à realidade multifacetada do português.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste Trabalho de Conclusão de Curso, foi possível compreender como o conceito de “erro de português” está atrelado a uma visão normativista da língua – algo que se faz presente, até mesmo, a partir da própria pesquisa dos usuários pelo termo em questão no *Google*. Após contextualizar o lugar da Sociolinguística no campo dos estudos sobre a língua, fez-se uma discussão acerca dos gêneros textuais-discursivos, focando em alguns aspectos estruturais dos *blog posts* e artigos de *sites*, que integram o *corpus* deste trabalho. Nesta etapa, pôde-se notar que, de acordo com Marcuschi (2008, 2010), esses textos emergentes do ambiente digital também podem ser considerados gêneros.

Com a metodologia devidamente explicitada na seção 3, foi realizada a análise propriamente dita, na seção 4, com as explicações pautadas em uma abordagem descritivista da língua para 7 dos 102 “erros” listados no *blog post* ranqueado na primeira posição do *Google* a partir da busca com a palavra-chave “erros de português”. Essa decisão foi tomada em virtude de esses “erros” serem de natureza morfossintática e abrirem mais possibilidades para a tessitura de explicações que fossem na contramão do estabelecido pela gramática normativa. Os debates aqui empreendidos poderiam ter sido feitos a partir de estudos sociolinguísticos mais robustos, o que pode ficar como um possível encaminhamento para outra pesquisa, no futuro.

Como conclusões obtidas com este estudo, é nítido que, pelo fato de a educação brasileira ainda se pautar fortemente nos moldes do prescritivismo, esses ideais se estendem para outras esferas da vida cotidiana – casa, trabalho, relações interpessoais e, ainda, textos que circulam no ambiente digital, como é o caso dos *blog posts* e artigos de *sites* analisados. Tudo isso, por sua vez, gera uma rede de um tipo específico de preconceito – o preconceito linguístico – que vai se incrustando na sociedade até se personificar em atitudes, muitas vezes, intolerantes. Por isso, uma saída para traçar um caminho institucionalizado para enfrentar esse problema seria promover uma educação pautada no respeito linguístico. Scherre (2021) expõe que esse conceito se resume, basicamente, na convivência harmoniosa entre diferentes variedades dentro de uma mesma língua – nesse caso, o PB. Como é na educação básica que a gramática normativa começa a ser ensinada com mais afinco, seria primordial que políticas públicas fossem implementadas nos currículos escolares para essa conscientização, promovendo uma educação sociolinguística que pudesse minimizar um pensamento arcaizante de preconceito.

De forma alguma, a gramática normativa deve deixar de ser um tema nas escolas. Outrossim, deve ser um tema a ser discutido a partir de uma criticidade e de um posicionamento

didático-pedagógico que levem os estudantes a pensarem sobre a língua, a tecerem hipóteses e a (re)conhecerem a heterogeneidade inerente e sistemática e a pluralidade de normas linguísticas. As ações práticas para isso acontecer, envolvendo a didatização de explicações sociolinguísticas para fenômenos de natureza morfossintática, também são temáticas que podem ser mais bem exploradas em uma outra pesquisa.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. *Iracema*. São Paulo: Panda Books, 2015. Notas de Fátima Mesquita.
- ANGELI, Grasielly Hanke. *BLOG: um estudo sob a luz do conceito de gêneros textuais*. 2011. TCC (Graduação) - Curso de Letras, Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.
- AZEVEDO, Lívia Oliveira. *A língua na tela: descrição e análise da variação do objeto direto anafórico de terceira pessoa em legendas profissionais e fansubs*. 2024. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2024.
- BAGNO, Marcos. *Gramática pedagógica do português brasileiro*. São Paulo: Parábola Editorial, 2012.
- BAGNO, Marcos. *A norma oculta: língua e poder na sociedade brasileira*. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Loyola, 1999.
- BIAZOLLI, Caroline Carnielli. *Inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma na variação da posição de clíticos pronominais*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2018.
- BIAZOLLI, Caroline Carnielli; BERLINCK, Rosane de Andrade. Por que investigar processos de variação e mudança linguísticas por meio de gêneros textuais-discursivos?. In: BIAZOLLI, Caroline Carnielli; BERLINCK, Rosane de Andrade. (org.). *Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. Campinas: Pontes Editores, 2021. p. 13-38.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Manual de Sociolinguística*. São Paulo: Contexto, 2014.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Nós chegemu na escola, e agora? Sociolinguística e educação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.
- BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *Educação em língua materna: a Sociolinguística na sala de aula*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- CARVALHO, Castelar de. *Para compreender Saussure*. Rio de Janeiro: Vozes, 2013.
- COELHO, Izete Lehmkuhl. *et al.* Introdução ao estudo da linguagem no contexto social. In: COELHO, Izete Lehmkuhl. *et al.* *Sociolinguística*. Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2010. p. 11-44.
- COSTA, Carlos Irineu da. Glossário. In: LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. São Paulo: Ed. 34, 2010. p. 251-260.
- ECO, Umberto. *Seis passeios pelos bosques da ficção*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- ESTEVÃO, Natália Cristina. *Escritas em movimento: o entrecruzamento de meios nos textos de Ismael Caneppele*. 2017. Dissertação (Mestrado em Estudos de Literatura) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

FARACO, Carlos Alberto. Desde quando somos normativos?. In: VALENTE, André Crim. (org.). *Unidade e variação na língua portuguesa: suas representações*. São Paulo: Parábola Editorial, 2015. p. 59-70.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FARACO, Carlos Alberto. Norma-padrão brasileira: desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, Marcos. (org.). *Linguística da norma*. São Paulo: Edições Loyola, 2002. p. 37-61.

FARACO, Carlos Alberto; ZILLES, Ana Maria. *Para conhecer norma linguística*. Contexto: São Paulo, 2017.

KENEDY, Eduardo. Inatismo. In: KENEDY, Eduardo. *Curso básico de linguística gerativa*. São Paulo: Contexto, 2021. p. 73-88.

LEITE, Marli Quadros. *Preconceito e intolerância na linguagem*. São Paulo: Contexto, 2008.

LIMA, Monique Débora Alves de Oliveira. *Continuum de gêneros textuais jornalísticos para a descrição de norma(s) culta(s): o acusativo anafórico de terceira pessoa e a ordem dos clíticos pronominais*. 2022. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

LONDOÑO, Rafael Areiza.; ESTUPIÑÁN, Mireya Cisneros; IDÁRRAGA, Luis E. Tabares. Consideraciones iniciales. In: LONDOÑO, Rafael Areiza.; ESTUPIÑÁN, Mireya Cisneros; IDÁRRAGA, Luis E. Tabares. *Sociolingüística: enfoques pragmático y variacionista*. 2 ed. Bogotá: Ecoe Ediciones, 2012. p. 2-18.

MACEDO, Alzira Verthein Tavares de. Linguagem e contexto. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. (org.). *Introdução à Sociolingüística: o tratamento da variação*. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2010. p. 59-66.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação. In: KARWOSKI, Acir Mario; GAYDECZA, Beatriz; BRITO, Karim Siebeneicher. (org.). *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. 4. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2011. p. 17-31.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (org.). *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010. p. 19-38.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. A questão do suporte dos gêneros textuais. *DLCV*, João Pessoa, v. 1, n.1, p. 9-40, 2003. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7434/4503> (parte 1) / <https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/dclv/article/view/7435> (parte 2). Acesso em: 02 nov. 2024.

POSSENTI, Sírío. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leitura do Brasil, 2002.

REZ, Rafael. *Marketing de conteúdo: a moeda do século XXI*. São Paulo: DVS Editora, 2016.

RODRIGUES, Pedro Luis. *Marcas de intolerância nas colunas metalingüísticas: um estudo de caso*. 2004. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix, 2012 [1916].

SCHERRE, Maria Marta Pereira. Respeito Linguístico. In: ARNT, Rosamaria; SCHERRE, Paula. (org.). *Dicionário: Rumo à Civilização da Religião e ao Bem-viver*. Fortaleza: Editora da UECE, 2021. p. 117-120.

SCHERRE, Maria Marta Pereira. *Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito*. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

TORRES, Cláudio. *A Bíblia do marketing digital: tudo o que você queria saber sobre marketing e publicidade na internet e não tinha a quem perguntar*. São Paulo: Novatec, 2009.

VIEIRA, Silvia Rodrigues; VALLADARES, Francis de Melo. Preces religiosas e a expressão de segunda pessoa discursiva. In: BIAZOLLI, Caroline Carnielli; BERLINCK, Rosane de Andrade. (org.). *Gêneros textuais-discursivos no estudo de processos de variação e mudança*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2021. p. 95-130.

APÊNDICE A - Lista de conteúdos ranqueados no *Google* para a palavra-chave “erros de português” (08 dez. 2024)

- 1) [102 erros de português: aprenda os mais comuns e não ...](#)
- 2) [Erros de português: lista, quais os principais - Brasil Escola](#)
- 3) [Os 12 erros mais irritantes do português - O nosso idioma](#)
- 4) [Correcao.pt](#)
- 5) [40 maiores erros de português que você tem que deixar de...](#)
- 6) [Os 10 erros de português mais cometidos pelos brasileiros - G1](#)
- 7) [100 erros de português frequentes no mundo corporativo](#)
- 8) [10 erros de português comuns para evitar no trabalho](#)
- 9) [105 erros de português mais comuns para você nunca ...](#)
- 10) [10 dicas para evitar erros comuns de português - Brasil Escola](#)